

A primeira estada do Padre Antonio Vieira no Brasil

sonharam sacerdotes, e oferecerá o sacrifício de vosso maravilhoso corpo. Huijando enfim vos servir, e venerarão tão religiosamente, como em Amsterdã, Meideburg e Flushing, e em todas as outras colônias daquele frio e alagado inferno se está lamento todos os dias...

"Be acaso for assim, e está determinado em vosso secreto juizo que entrem os hereges na Baixa, e que só vos represento humildemente, e muito devras, e que, antes da execução da sentença, repareis bem, Senhor, no que vos pode suceder depois, e que o consulteis com vossa coração enquanto é tempo; porque melhor será arrependere agora que quando o mal passado não tenha remédio. Bem estais na intenção e ilusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Tampouco antes do dilúvio estavais vós mais cárstico e irado contra os homens, e por mais que Noé grava em todos aqueles em anos nunca houve remédio para que se aplacasse vossa ira.

"Romperam-se enfim as catarras do céu, cresceu o mar até o começo dos montes, alugou-se o mundo todo: — já estaria satisfeita vossa justiça. Senão quando, no terceiro dia, começaram a abolar os corpos mortos, e a surgir e aparecer em multidões infinitas aquelas figuras pálidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragédia que nunca viram os anjos, que homens, que a vissem, não os havia. Vistes-vos, também, como se o vissem de novo, aquele lastimíssimo espetáculo: a postos que não chorastes, porque ainda não tinheis olhos capazes de lágrimas, enterneceram-se porém as entradas de vossa divindade com tão intrínseca dor (*Tutus dolor durum intrinsecus*) que do modo que em vós cabia arrependimento, vos arrependestes do que tinheis feito ao mundo, e foi tão intensa a vossa contrição, que não se tiverdes pesar do passado, senão propenso firmo de nunca mais o fazer. Este sóis, Senhor, e pois sóis este, não vos toméis com vossa coração. Para que é fazer agora valentias contra ele, se o seu sentimento, e o vosso, as há de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos a vossas bondades; vede e que fazeis, antes que o façais, não vos aconteça outra. E para que o vejais com coras humanas, que já vós não são estranhas, dai-me que em vos represente primeiramente ao vivo as lâstimas e misérias deste novo dilúvio: e se esta representação vez não enternecer, e tiverdes entradas para o ver sem grande dor, executei-a embora.

"Imaginei-nos polo que até lóngido e inimaginável faz horror! Imaginei-nos que vem a Baixa e o resto do Brasil a mãos dos holandeses, que é o que há-de suceder em tal caso? Entrou por esta cidade com fúria de vencedores e de heróis, não promovendo a estada a sexo, nem a idade; com os fios dos meus afangos medindo a todos. Caucara as mulhers, vendia que se não guarda dentro à sua honestidade; choraria os velhos vendendo-se e não guarda respeito às suas rãs; choraria os sacerdotes, vendendo que até as coroas sagradas os não defidem; choraria fulilmente todos e entre todos mais lastimosamente os inocentes, porque nem a esses perdoaria a deshumanidade herética. Sei eu Senhor que só por amor dos inocentes dissesse vós

alguma hora que não era bem castigar a Nineve. Mais não sei os tempos, nem que desgraças a existências, que até a mesma inocência vos não abrandaria. Pois também a vós, Senhor, vos não de nenhuma parte do castigo, também a vós ha de chegar.

"Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras arrebatarão essa custódia com que agora estão adorados dos anjos, tomarão os cálices e vasos sagrados e aplicarão ás suas nefandas embriaguezes; derribarão dos altares os vultos e estátuas dos santos, deformá-las-ão a utilidades, e metê-las-ão no fogo: e não perdoarão na mãos furiosas e sacrificadoras, nem as imagens tremendas de Cristo crucificado, nem as da Virgem Maria. Não me admira tanto, Senhor, de que bajais de consentir semelhantes agravos e afrontas em vossas imagens, pois já as permitisteis em vossa sacratissimo corpo: mas nas de Virgem Maria, nas de vossa santíssima mãe, não sei como isto pode estar com a piedade e amor de filho. No Monte Calvário esteve esta Senhora sempre ao pé da cruz, e com serem aqueles alonjas fôr descorcetes e crueis, nemhum de atrevêu a lhe tocar, nem a lhe perder o respeito. Assim foi, e assim havia de ser, porque assim o tinhais vós prometido pelo profeta: *Flagellum non apropinquabit tabernaculo tuo.*

"Pois, filho da virgem Maria, se tanto cuidado tivestes entido do respeito e decôro de vossa mãe, como consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a pessoa, ca a imagem. Imagem somente da mesma virgem era a arcá do testamento, e só porque Deu a quinto tocar, lhe tirantes a vida. Pois se entao havia tanto rigor para quem ofendia a imagem de Maria, porque o não há também agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás colinas sagradas, para uma severíssima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um profeta, se lhe serviu logo o braço milagrosamente, como aos hereges, depois de se atrevêrem afrontar vossos santos, lhes ficam ainda braços para outros delitos? Se a Baltazar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino; porque vivem os hereges que convertem vossos calices a nos profundos? Já não há trés dedos que escravem centenas de morte contra sacrilegios?

"Então, Senhor, despoliados assim os templos, e desvirtuados os rituais, acabar-se-á no Brasil a cristianidade católica, acabar-se-á o culto divino; haverei crua na terra como nos campos, nem haverá quem morra entre. Passará um dia de natal e não haverá memória de vossa nascença; passará a quinzena e a semana santa, e não se celebrará o misterio da vossa paixão. Chorarão os padres das ruas, como diz Jeremias que choraram de de Jerusalem destruída: *Vix San Ingenui, ut quid non vesti, qui vestiunt, ad sepulturam.* Ver-se-ão érmias e militares, e que as não pisa a devotos dos deuses como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altars, nem sacerdotes que as digam; morrerão os católicos com confissão num sacramento; prece-se-ão herótes nestes mesmos pálpitos; e em lugar de São Jerônimo e Santo Aroseme, envir-se-ão pelas os infames nomes de Calvino e de Latêncio, heretismo a falsa doutrina os impudentes que fizem, relíquias dos portugueses: e

elegeremos a estada que, te perguntaria aos filhos e netos dos que aqui estão: Menino de que seta anis? Um responderá: eu sou eu invicto, outro: eu sou lutano. Pois isto se há de soar, meu Deus? Quando quiseste entregar vossa estada a Pedro, excludiste-o três vezes, se vos animava *Dirigis me, diligis me, di am me?* E quando entragaste desta maneira, não a pastores, renas a lobos. Só o mesmo, ou seja outo? Dos hereges o vós rebombe? Assim lhecras tu abusas? Conta-te o deus, e nomei aliás, não vos merece dizer mais. Ja sei, Senhor, que vos havéis de enternecer e arrependeres e que não haverás de ter coração para vós e as victimas e tais estragos. E se assim é, tudo isto é estás promovendo vossas relâncias privadas, mas se é que ha de haver dor se e que ha de haver arrependimento. Cemós, eras tu as traz, se eu em exorcismo agora, não é tutto vós entencreis antes e que de vós ha de pecar em algum tempo?"

Tudo isto é, e será gloriosamente belo, e logo o dizemos com toda maior estrelação, quando entrarmos na voz em que o grande orador se mostra igual ao que fez neste oratório. E ainda é de se lhe advertir que neste extrato omitimos muitas intenções em que o autor, lá naquele tempo, intencionava derramar a sua multa crudelidade, em fragmentos etéreos, exemplares e digressões, que sem a certeza de iluminar, serviam só de compor e edificarem o autor impetuoso de sua magnífica oração.

Assim na circunferência de dia para dia da meia-direita esplendidos triunfos oratórios, a oração do P. António Vieira, e com ela, e na sua maior proporção, devia medrar a sua inata ambição. A sede de glória e de poder que o abrasava, já se não podia aplacar na pequena metrópole dumha realeza, e a imagem grandiosa de Lisboa sua primaria patrícia, e a dos louros que nela colhiam tantos rivais de eloquência. Devia aparecer-lhe incessante e perturbá-lo o sono, porquanto segundo e' mesmo no disso depois, o *físico do pregador e a magnitude incerta do ríodo*.

Se tal era, como devemos supor, um acontecimento extraordinário veio a ponto proporcionar-lhe ocasião de realizar os pensamentos que o desvelavam. Portugal acabava de saír da guerra de Castella, restaurando a independência nacional e proclamando rei natural, e a revolução que aberto-tudo em Lisboa se propagara com a paixão, rapidez da eletricidade por todos os ângulos da terra, e ainda das mais remotas confins dos dominios ultramarinos, foi por todo a parte acudida com transportes de público e extraordinários, a Lisboa. Na Baixa precedeu-se como nuns mês postos da marquesa, e o marquês de Mauártola, vice-rei, posto por Castella, não só recorreu ao necessitado, e a despediu a mandar por um de seus bicos encaminhando o rei novo pela sua fôrça tributária.

Mas D. Fernando de Mascarenhas, o maior e escolhido para esta emissão, era de poucos laços e só pal assentos de o fazer acompanhar por dois homens de sua confiança pudesse incluir conforto o cabal desmagnetizar-lhe. Em ogni evançou que os jesuítas tanto preponderavam, e de maravilhar que os dois mentres designados estivessem do seio da compadaria. Um deles foi o novo pedreiro.

(*Vida do Padre Vieira*)

O PADRE ANTONIO VIEIRA E A SOBRE O MARANHÃO - João Francisco Lobo

Entre os diversos casos que já passados ao Maranhão, foi necessário formar nesta capitania outro juizo, no qual em vez do ouvidor e do vigário do Pará, tornaram parte o ouvidor-geral e o vigário-geral do Estado. Ambos estes inclinaram-se para o lado de Antônio Vieira e governador, e como os três frades se vissem implantados, recusaram assinar as novas sentenças!

Conclui Vieira todas as suas observações, notando que o juiz e voto dos padres eram suspeitos e nulos, porque eles, como senhores de escravos, eram responsáveis à evição.

O que está, porém, mais que muito evidente, é que nunca em tão grandeza, e onde iam comprometidos os direitos sagrados da religião e da humanidade, se produziram prô e contra razões e argumentos mais misturados. Já o leitor terá notado também que pelo só fato de fazer o padre Antônio Vieira concessões em uma matéria que se não admitia, pois o princípio da liberdade é absoluto e com ele se não pôde nem deve transigir, o temor arguido de sacrificar ele mesmo a causa dos índios. Mas, pois que ele, ainda que embarcando em um sistema errôneo e vicioso, que havia mas culpa do enten-

dimento que da vontade, era não obstante o campeão estrênuo e infatigável dos pobres índios, talvez se diga que o havemos tratado com demasiado rigor, quando os seus erros eram dignos de mais indulgência e os seus serviços de muito maior reconhecimento. O leitor, porém, há de necessariamente convir em que não temos praticado mais do que atos de simples justiça, se vier a conhecer que este famoso jesuíta, arrredada a concorrência dos moradores e das outras ordens religiosas, procedia à felicidade de todos os maiores, buscando índios no sertão, movendo-lhes guerras encarniçadas, aprisionando-os, repartindo-os e vendendo-os como escravos. Pois ele também quem planeou seriamente a introdução da escravidura africana, para que, satisfeitas por este meio as necessidades das colônias, pudesse a companhia, mais desimpedida de estorvos, exercitar uma jurisdição ilimitada e exclusiva sobre os índios. Havemos de ver, também que no exame dos cativórios os padres de Santo Ignacio se portavam ainda com mais escândalo, se era possível, do que os seus colegas das outras ordens.

(*Vida do Padre Antônio Vieira*)

Concentremos agora em um sem excedendo dos principes e dignidades da igreja, fundamental por todos os meios a solidão e a discordia, e violando na prática os princípios de liberdade que no ardo dos lutos pelo predominio apregavam o favor dos índios; a iniciacão ora lenta e gradual, ora instantânea e fulminante dessa raça infeliz; as guerras estranhas, as capitâncias reunidas, separadas, outras vez reunidas; a residência dos governadores em transferida continuamente de uma para outra capital, e ai, por uma das suas faces, os acidentes ordinários dessa vida mesquinha e tormentosa que nos propusemos a esboçar.

A maior parte destes e de outros muitos males, prendiam na questão abrangadora dos índios, e as leis, perpetua e monstruosa, a afirmação e negação dos mesmos princípios, pavoneando a liberdade, ora o cativeiro, entrelinhando esta funesta preocupação, impulsionando os cidadãos, alternativamente animados e iludidos em suas esperanças, da energia e do furor à prostração e à ignorância.

Enfatuados da sua nobreza, igualmente fingidos pelo orgulho e pela miséria, e tão despidos de riquezas como incapazes de grandeza-las pelos mesmos limites

(Continua na pág. 42)

JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812-1853)

História do Poderoso Rei do Maranhão.

Foi um dos primeiros relatos em São Luis, tendo sido seu de maior sucesso — exercendo os nrs. "O Brasileiro", "Farol Maranhense" e "Revista do Norte", na "Crônica" e "Publicador Maranhense".

O jornal provincial em suas legislaturas, em tempo seco, voltava da guerra em sua terra, unir-se, por último, ao fogo, que queimou os ns. I a 10 de sua interessante e original publicação "Jornal de Timon" (2 vols.), que para o Rio de Janeiro, em 1853. Dequi seguir para Portugal, incluindo abreviamente os documentos para a história do Brasil. Em Lisboa deu mais dois numeros do "Jornal de Timon" (1º vol.) e trabalhou-se a compilação de seus decretos de comissão, quando o viu-se em morte.

Sua obra, mais valiosa que excede, é a seguinte:

"Jornal de Timon" — "Maranhão", 1825; "Timon", 1853.

"Obras Completas", antecedidas de uma noticia biográfica autor de Antônio Henriquez Leal. "S. Luis, Tip. de Bellarmino Soárez dos Reis", 1861-65. 4 vols. (Com retrato do autor).

O "Jornal de Timon", do n. 5 em diante, traz a indicação: "Avançados, notícias e observações para servirem à História da Maranhão".

A vida do Padre Antônio Vieira, que só aparece, faz parte, 1º e 2º vol. das "Obras Completas", cuja distribuição é a seguinte: Volume 1º — "Natura biográfica e os quatro primeiros ns. do Jornal de Timon".

Volume 2º — Os ns. 5 a 10 do "Jornal".
Volume 3º — Os ns. 11 e 12 do "Jornal".
Volume 4º — Vida do Padre Antônio Vieira, Biografia de Manuel Odorico Mendes. Folhetins. Discurso e artigo político notícias e apêndice.

Reimprimindo-se em Lisboa "As Obras Completas" (1901), com o Theóphilo Braga o prólogo que abre o 2º volume.

Sobre a obra pela qual é mais conhecido, vêem-se a João Francisco Lisboa:

"O leitor perguntará agora naturalmente a que propósito este nome de Timon.

Que sei eu? Esse nome, ilustrado por um dos mais belos talentos da literatura moderna, pertenceu na antiquidade a um homem singular e estranho que, acusado pela injustiça e marginalizado que com ele usavam alguns dos seus contemporâneos, voltou-se para lá entrincheirado no gênero humano e de maneira a reputá-lo entregue aos crimes e aos vícios que se pagava mais de desprazer que da estima dos homens.

— De mim o digo que, sem aspirar ao renome e glória do espirituoso Timon paulistano, pois me fizessem cabedal e engenho para poder, não já competir com ele, mas seguir de longe seu caminho luminoso, espero, no menos, não ser acusado da feroz misericórdia do alienista...

"Timon em escrever sem pretenções de qualidade alguma, não um libro, mas um simples jornal; e todo o seu empenho será separar com simplicidade a libra a que a observação e a experiência vindas de alguns poucos e interrompidos estudos, lhe tem podido ensinar".

Varnhagen, cujas ideias sobre nossos índios Lisboa criticava, publicou em Lima, já em 1887, um círculo em que procurou defender: "Os Indianos Brasileiros e o Sr. Lisboa", Timon 3º.

Lisboa, dito Soárez dos Reis, é o gênio resplandecendo e dominando pela sua mesma força, e só por ela, sem o auxílio das cordas para formá-lo e sem as recompensas populares, nem ofício, para animá-lo".

A estatua do publicista e historiador, de que se utana o Maranhão, ergue-se, desde 1918, numa das praças de S. Luis, a proposito de João Lisboa, antigo larço do Carmo.

A. C. CHICHORRO DA GAMA.

(Revista de Língua Portuguesa, n. 24.)

Perfil de João Francisco Lisboa - (Uma vida de estudo)

Cuiz Carlos

Bento flutuar, em torno de mim, norte, ambiente, uma sombra vertiginosa, que não sei bem se me está demando o clima de rapina de uma balsa, ou se me está advertindo um mundo, maior responsabilidade.

E' uma projeção do astral, contorcido e vulto erégiro do João Francisco Lisboa.

Natural do Maranhão, milho de eandora, deu-lhe, para luto, o brasa as rêmiges para a condição ativitiva.

Era mil privilegiado de jornalista e tribuno, os seus Jornais de Timon e as suas orações parlamentares, que arrancavam o auditório, pela nobreza da linguagem, pelo surto das idéias e pelo acendrado patriotismo, revelado a vida inteira, não se bastou para perpetuar-lhe o nome na história da literatura brasileira.

Fundou e dirigiu o Brasileiro, o Farol Maranhense e o Rio do Norte, periódicos que lhe regalaram artigos verdadeiramente notáveis, pelo saber analítico sobre assuntos de alta monta, como os trabalhos da assembleia legislativa, a liberdade da imprensa e os partidos políticos do Brasil.

Baru que sem se possa qualificar de seu grande meritamento, basta ouvir o conceito que de si formava o seu ilustre adversário no jornalismo — Francisco Soárez dos Reis:

"Entre todos esses vultos de talentos superiores que encheram em lugar próprio nesta espécie de galeria jornalística, o sr. João Francisco Lisboa, que é forte e lucides de pensamento, reuniu em subido grau o vigor, a majestade e o colorido da expressão, incarnando as suas concepções sob as formas as mais apropriadas, vestindo-as dos traços os mais adequados, ornando-as com os maltes os mais deliciosos, imprimindo-lhe os ademãos os mais expressivos, e animando-as para assim dizer com os traços de sua pena, parecer-nos ser o mais preeminent e grandioso vulto, que se apresenta aos olhos do observador".

O seu talento, equilibrado por uma notável expressão de probabilidade, posto a serviço da política, irradiou sentenças de profundo humanismo e desvelado amar a justiça.

São dignas de transcrição as suas admiráveis palavras, a respeito da Sabina, episódio histórico, que bem conhece:

"Recusamos tomar parte nos

riódico por ele fundado em 1832. João Lisboa tinha então vinte anos e embora inexperiente, distinguiu-se imediatamente nela originalidade de suas idéias e coragem no modo de enunciá-las.

Sem filiação a partido algum o Brasileiro era uma folha independente e justa. Foi liberal e adversário dos "moderados", reconhecia a bondade relativa daqueles, e a sistemática exageração dos exaltados. Estigmatizava os portugueses por causa das lutas inflamadas que se seguiram à independência, mas isso era desculpável à vista das provocações do tempo.

Nunca tomou posição de patriotismo. João Lisboa nunca alimentou questão por antipatias; não procurava influir nas massas populares, com desprazo da ordem e tranquilidade pública.

O Brasileiro preferiu ser de um liberalismo dondívioro; e lá no extremo norte do Império discutia netos de gerais e muitos internacionais, com grande proficiência e vigor de preibições.

Quando o Brasileiro surgiu, encontrou o regime das devassas, e por isso protestou contra tal violência, tendo a seu lado a parte sé da província.

O segundo volume, analisa, a princípio — e com que graca e critério! — os trabalhos publicados sobre a vida da província,

verso, depois, o descobrimento da América e as iniciativas para explorar e colonizar o Maranhão; trata, a seguir, da invasão francesa e da holandesa, realçando a vitória das armas portuguesas, em ambas; estuda, em cotejo, as duas invasões, manifestando-se favorável à francesa, cuja tendência era humanitária e civilizadora, ao passo que a holandesa era mercantil e desrespeitosa aos costumes e religião dos colonos; finalmente, entretanto, que tentavam descendido dos portugueses: ao revés, dedicava-lhes elogios expressivas palavras: "os portugueses, de quem derivamos a origem, nação pequena e encantada nas extensas confins ocidentais do velho mundo, podem com razão afanar-se de ter fundado no novo, em um país ou deserto, ou infestado de horrores ferocias, um império vasto como compacto, o seguido por ventura deste continente, onde somente nos Estados Unidos cede a primazia"; faz sentir, em seguida, a vantagem que nesse o português levaram: aos espanhóis, cujos recursos eram maiores e que "encontrando civilização aumentada no México e no Peru deixaram, todavia, resultados comparativamente inferiores"; esaudia, depois, costumes e usos dos aborigens e termina analisando atos da Companhia de Jesus.

No terceiro volume, onde a expressão lhe aparece mais trabalhada, continua a investigar a história do Maranhão e o cerca com a narrativa tocante da revolta de Manuel Bekman e outros episódios relativos à administração da colônia.

Os dois volumes da sua alegada e brillante obra literária trazem grande cópia de notas e documentos raros.

A sua melhor produção: A Vida do Padre Antônio Vieira esteve fadada ao mesmo destino do livro, apenas iniciado, sobre a escravidão. Depois de sua morte, encontraram-na num masso de manuscritos, cujo envelope assim dizia: "Estes papéis devem ser queimados, assim serem lidos, quando em o determinar". Tratava-se, entretanto, do melhor trabalho até hoje conhecido, em Portugal e no Brasil, sobre a existência do grande pregador missionário.

Era esse historiador notável, esse estilista lusitano, cuja obra se incorporou, definitivamente, ao patrimônio mental do país, quem produziu estas linhas, em resposta a um amigo que o acorçoava a escrever a história do Maranhão: "Como não tenho fé robusta no meu aliás prodigioso talento, nunca fico satisfeito do que produzo e escrevo".

Apesar disso, que é qualidade, aliás, própria dos grandes escritores, modestia — "sombria do valor" como lhe chamou alguém, o eminente publicista, orador, político, historiador, filósofo, biógrafo e juriconsulto mereceu te, por vezes elevada as fantásticas, a quantos se manifestaram, publicamente, sobre o seu talento; e entre estes podem contar-se: Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Antônio Henriquez Leal, Domingos Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias.

São telas admiráveis, onde o autor, numa eloquência de estilo difícilmente comparável nesses tempos alla o vigor expressivo de Rubens, no colorido, ao visualismo tenebrante de Molière, na observação risível dos homens e das coisas.

O segundo volume, analisa, a princípio — e com que graca e critério! — os trabalhos publicados sobre a vida da província,

verso, depois, o descobrimento da América e as iniciativas para explorar e colonizar o Maranhão; trata, a seguir, da invasão francesa e da holandesa, realçando a vitória das armas portuguesas, em ambas; estuda, em cotejo, as duas invasões, manifestando-se favorável à francesa, cuja tendência era humanitária e civilizadora, ao passo que a holandesa era mercantil e desrespeitosa aos costumes e religião dos colonos; finalmente, entretanto, que tentavam descendido dos portugueses: ao revés, dedicava-lhes elogios expressivas palavras: "os portugueses, de quem derivamos a origem, nação pequena e encantada nas extensas confins ocidentais do velho mundo, podem com razão afanar-se de ter fundado no novo, em um país ou deserto, ou infestado de horrores ferocias, um império vasto como compacto, o seguido por ventura deste continente, onde somente nos Estados Unidos cede a primazia"; faz sentir, em seguida, a vantagem que nesse o português levaram: aos espanhóis, cujos recursos eram maiores e que "encontrando civilização aumentada no México e no Peru deixaram, todavia, resultados comparativamente inferiores"; esaudia, depois, costumes e usos dos aborigens e termina analisando atos da Companhia de Jesus.

No terceiro volume, onde a expressão lhe aparece mais trabalhada, continua a investigar a história do Maranhão e o cerca com a narrativa tocante da revolta de Manuel Bekman e outros episódios relativos à administração da colônia.

Os dois volumes da sua alegada e brillante obra literária trazem grande cópia de notas e documentos raros.

A sua melhor produção: A Vida do Padre Antônio Vieira esteve fadada ao mesmo destino do livro, apenas iniciado, sobre a escravidão. Depois de sua morte, encontraram-na num masso de manuscritos, cujo envelope assim dizia: "Estes papéis devem ser queimados, assim serem lidos, quando em o determinar". Tratava-se, entretanto, do melhor trabalho até hoje conhecido, em Portugal e no Brasil, sobre a existência do grande pregador missionário.

Era esse historiador notável, esse estilista lusitano, cuja obra se incorporou, definitivamente, ao patrimônio mental do país, quem produziu estas linhas, em resposta a um amigo que o acorçoava a escrever a história do Maranhão: "Como não tenho fé robusta no meu aliás prodigioso talento, nunca fico satisfeito do que produzo e escrevo".

Apesar disso, que é qualidade, aliás, própria dos grandes escritores, modestia — "sombria do valor" como lhe chamou alguém, o eminente publicista, orador, político, historiador, filósofo, biógrafo e juriconsulto mereceu te, por vezes elevada as fantásticas, a quantos se manifestaram, publicamente, sobre o seu talento; e entre estes podem contar-se: Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Antônio Henriquez Leal, Domingos Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias.

São telas admiráveis, onde o autor, numa eloquência de estilo difícilmente comparável nesses tempos alla o vigor expressivo de Rubens, no colorido, ao visualismo tenebrante de Molière, na observação risível dos homens e das coisas.

O segundo volume, analisa, a princípio — e com que graca e critério! — os trabalhos publicados sobre a vida da província,

verso, depois, o descobrimento da América e as iniciativas para explorar e colonizar o Maranhão; trata, a seguir, da invasão francesa e da holandesa, realçando a vitória das armas portuguesas, em ambas; estuda, em cotejo, as duas invasões, manifestando-se favorável à francesa, cuja tendência era humanitária e civilizadora, ao passo que a holandesa era mercantil e desrespeitosa aos costumes e religião dos colonos; finalmente, entretanto, que tentavam descendido dos portugueses: ao revés, dedicava-lhes elogios expressivas palavras: "os portugueses, de quem derivamos a origem, nação pequena e encantada nas extensas confins ocidentais do velho mundo, podem com razão afanar-se de ter fundado no novo, em um país ou deserto, ou infestado de horrores ferocias, um império vasto como compacto, o seguido por ventura deste continente, onde somente nos Estados Unidos cede a primazia"; faz sentir, em seguida, a vantagem que nesse o português levaram: aos espanhóis, cujos recursos eram maiores e que "encontrando civilização aumentada no México e no Peru deixaram, todavia, resultados comparativamente inferiores"; esaudia, depois, costumes e usos dos aborigens e termina analisando atos da Companhia de Jesus.

No terceiro volume, onde a expressão lhe aparece mais trabalhada, continua a investigar a história do Maranhão e o cerca com a narrativa tocante da revolta de Manuel Bekman e outros episódios relativos à administração da colônia.

Os dois volumes da sua alegada e brillante obra literária trazem grande cópia de notas e documentos raros.

A sua melhor produção: A Vida do Padre Antônio Vieira esteve fadada ao mesmo destino do livro, apenas iniciado, sobre a escravidão. Depois de sua morte, encontraram-na num masso de manuscritos, cujo envelope assim dizia: "Estes papéis devem ser queimados, assim serem lidos, quando em o determinar". Tratava-se, entretanto, do melhor trabalho até hoje conhecido, em Portugal e no Brasil, sobre a existência do grande pregador missionário.

Era esse historiador notável, esse estilista lusitano, cuja obra se incorporou, definitivamente, ao patrimônio mental do país, quem produziu estas linhas, em resposta a um amigo que o acorçoava a escrever a história do Maranhão: "Como não tenho fé robusta no meu aliás prodigioso talento, nunca fico satisfeito do que produzo e escrevo".

Apesar disso, que é qualidade, aliás, própria dos grandes escritores, modestia — "sombria do valor" como lhe chamou alguém, o eminente publicista, orador, político, historiador, filósofo, biógrafo e juriconsulto mereceu te, por vezes elevada as fantásticas, a quantos se manifestaram, publicamente, sobre o seu talento; e entre estes podem contar-se: Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Antônio Henriquez Leal, Domingos Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias.

São telas admiráveis, onde o autor, numa eloquência de estilo difícilmente comparável nesses tempos alla o vigor expressivo de Rubens, no colorido, ao visualismo tenebrante de Molière, na observação risível dos homens e das coisas.

O segundo volume, analisa, a princípio — e com que graca e critério! — os trabalhos publicados sobre a vida da província,

João Francisco Lisboa João Francisco Lisboa — (Do Estado de S. Paulo, II-III-918)

João Francisco Lisboa (1812-1886). É este o escritor brasileiro que melhor se junta a um estudo da personalidade sob o ponto de vista evolutivo. Sua obra é-lhe um comentário da vida, ou melhor, a vida é um comentário de sua obra.

Seu espírito, posto ao abrigo da sociabilização de correntes diversas do pensamento moderno nas academias e universidades, ou ainda no vau-vem constante, na flutuação perpétua das intuições, interessava dos grandes centros, obedecia a simples lógica interior, ao desdobrar normal e singelo das próprias forças que lhe eram inerentes, despertadas apenas pelo meio.

O estudo das primeiras letras e das humanidades que lhe foi ministrado na moedeira e na mais verde mocidade, foi por ele mesmo aumentado, devendo ao impulso de pendentes subjetivos.

Esse espírito, de tendências clássicas, impregnado de aspirações liberalizantes, de intuitos sociais, de irresistível simpatia pelo progresso e pelo amor dos homens e grandeza dos povos, era arrebatado para o estudo aturado da política, da história, do direito, da moral, da filosofia, da economia nacional, das literaturas francesa, italiana, espanhola e inglesa, porém mais intensamente à dos velhos mestres gregos, latinos e portugueses.

Foi ai, fôr nessa cultura, selecionada por ele próprio, que pôs os poderiam igualar no seu tempo.

O quadro, longe de ser apertado e restrito, como tem parecido a críticos cheios de ares aéreos, é enorme, é imenso para quem sabe avançar quanto valem aquelas disciplinas.

Bastava o forte estudo que evidentemente revela do direito, da história e da literatura no mundo clássico e em Portugal e Brasil para lhe conferir a laurea de homem sábio e ilustrado.

Mas vejamos o operário na faixa de seu produzir.

João Francisco Lisboa não foi indivíduo que entrasse, por bom ou mau grado seu, nas lides da política, do pensamento da vida nacional, em suma, através de um despacho, dum nomeação para um cargo qualquer.

Não, ele entrou na luta como voluntário das pelejas de sua terra em prol da liberdade e dos direitos do povo.

O torvelim da política astutíssima do período regencial e atraiu com irresistível violência, fazendo dele um publicista, um escritor político. Fundou então os anos vinte anos (1832) *O Brasileiro*, filiado das doutrinas liberais. No mesmo ano, em novembro, passou-se para o *Farol Maranhense*, cujo chefe, o deputado José Canário de Moraes e Silva, tinha falecido. Em 1834 entrou a publicação do *Eco do Norte*; em 1835 passou a redigir a *Crônica Maranhense*, só no fim do ano de 1840, em que se retirou por algum tempo da política ativa, rolado de desgostos pelas trezentas lutas travadas nesses oito anos de tressocada agitação partidária e pelas misérias traições e topezas articuladas de que foi alvo.

Basta que nos lembremos que foi nesse período negro da história maranhense que esmecou infinidade a medonha *Batalha*. O jornalista, sempre inspirado nos dilemas da justiça, já vinha estudando a ciência do direito, e, depois que se pôs fora da agitação partidária, atirou-se de todo a ela, fazendo-se advogado.

Nas placidas lides do fórum se demorou Lisboa até 1855.

Na tribuna forense teve repetidos encargos de mostrar os seus extraordinários dotes ora-

tórios por dilatados anos, o que também aconteceria na assembleia provincial do Maranhão nas legislaturas de 1838-39 e 1848-49.

Mais esse escritor político, jurista e orador, pela força irresistível da vocação, adrede provocada pelos fatos, pelos acontecimentos do meio em que vivia, não se converteu que depois de 1840 pudesse deixar a pena por uma vez, e de fato não deixou. Ja em julho de 1842 el-o a frente do *Publicador Maranhense*, em cuja redação permaneceu até julho de 1855, data em que se retirou para o Rio de Janeiro. No *Publicador Maranhense* encontraram-se algumas das mais belas escrituras militares de Lisboa acerca dos costumes de sua época. Fazia sain a *Procissão dos Ossos*, a *Festa de N. S. das Remédios*, o *Teatro de S. Luiz* e outros.

No mesmo tempo que trabalhava no *Publicador*, fazia sair o segundo semestre do ano de 1852, os cinco primeiros folhetos mensais a que pôz o título de *Jornal de Timon*, e no fim do ano de 1853, em um só grande volume, os cinco números seguintes até o décimo.

Deixado o Maranhão pelo Rio de Janeiro em julho de 1855, como já advertimos, passou-se em fins desse mesmo ano para Portugal, com a incumbência de investigar subsídios e documentos para a história do Brasil.

E que, em os números publicados do *Jornal de Timon*, tinha o ilustre maranhense revelado alto saber e grande capacidade no tratar a história de nossa pátria.

A política e o direito tinham-no levado naturalmente para a história.

Em Portugal, onde residiu de fins de 1855 a meados de 1863 em que faleceu, prosseguiu suas investigações e estudos históricos.

São disso testemunho os numeros inédito e décimo segundo do *Jornal de Timon*, publicados num volume de 427 páginas, em Lisboa, no ano de 1858, e a *Vida do Padre Antônio Vieira*, que fizeram imediata. (1)

Um exame rigoroso das obras de João Francisco Lisboa, pie-

losamente recolhidas e publicadas por Luiz Carlos Pereira de Castro e Antônio Henriques Leal, em ótima edição, em quatro volumes, em São Luiz do Maranhão, nos anos de 1864 e 65, revela que se dividiram estas em estudos e discursos políticos e cívicos em antiguidade, idade média e tempos modernos, comparadas às de sua província, elas, costumes políticos e principais tipos representativos estuda com rara penetratividade, graca e delicadeza humor.

Entre os segundos destaca-

se os *Apontamentos para a História do Maranhão e a Vida do Padre Antônio Vieira*.

A grande autoridade de Gonçalves Dias dava preferência aos primeiros sobre os segundos nestas palavras em carta a A. H. Leal: "A clé 140 estilo de J. F. Lisboa com toda a propriedade, que há bem poucos exemplares na língua portuguesa, se pode aplicar o dito de Rodrigues Lobo, quando quer caracterizar uma de suas figuras da Corte na Aldeia: — é muito natural de uma nação que liga entre o ouro e o caro, sem dar ferida penetrante. — E, porque isto não é o que mal me entua, neho incomparavelmente superiores aos outros, os seus primeiros folhetos, quando trata dos costumes políticos do Maranhão, que o são de todo o Brasil, e, mudadas as cenas, de muitos países onde prevalece o regime constitucional."

Entre os segundos destaca-

se os *Apontamentos para a História do Maranhão e a Vida do Padre Antônio Vieira*.

A grande autoridade de Gonçalves Dias dava preferência aos primeiros sobre os segundos nestas palavras em carta a A. H. Leal: "A clé 140 estilo de J. F. Lisboa com toda a propriedade, que há bem poucos exemplares na língua portuguesa, se pode aplicar o dito de Rodrigues Lobo, quando quer caracterizar uma de suas figuras da Corte na Aldeia: — é muito natural de uma nação que liga entre o ouro e o caro, sem dar ferida penetrante. — E, porque isto não é o que mal me entua, neho incomparavelmente superiores aos outros, os seus primeiros folhetos, quando trata dos costumes políticos do Maranhão, que o são de todo o Brasil, e, mudadas as cenas, de muitos países onde prevalece o regime constitucional."

Nas plácidas lides do fórum se demorou Lisboa até 1855.

Na tribuna forense teve repetidos encargos de mostrar os seus extraordinários dotes ora-

de sair a sua divida de gratidão para com um dos filhos dessa terra que mais a trem ilustrado. A cidade de S. Luiz mereceu noutros tempos, não mal recompensas, a denominação de Atenas Brasileira, e não é ela inereditada, se atendermos a que foi o brother mais ilustre dos nossos poetas e o mais ilustre dos nossos prosseguidores, de Gonçalves Dias e de João Francisco Lisboa.

O primeiro já tinha o seu monumento; knob de lá de lá, o segundo, sob a forma de uma estátua, obra do escultor francês Magrou. Encarregada de organizar a cerimônia a Academia Maranhense publicou um volume comemorativo do escritor, no qual se reuniram excelentes contribuições a esse respeito, de Antônio Henriques Leal, Soárez dos Reis, Teófilo Braga, José Veríssimo e Pedro Lessa.

João Francisco Lisboa foi um modelo de prosador, sem haver

sido intencionadamente um purista, o que torna o seu estilo por vezes agressivo, se pelo menos brilhante. Aprendeu, porém, a receber com os clássicos, que não andavam alienados daquela sociedade intelectual, para que convivessem intimamente com o Maxixe Soárez dos Reis. A escrita foi por certo melhor que a dos dias da actualidade, que hoje curram, com deslizes exclusivamente de competência, pela simplicidade dos seus propósitos e pelo fervor dos seus ideais, um dos títulos de honra das províncias e um argumento moral em prol da descentralização. Estava, todavia, pelo que se vê o resultado oposto.

Nenhum contudo se pode comparar com o maranhense eminentemente que teve por objetivo capital, marcado com felicidade pelo dr. Pedro Lessa, humanizar a política com a moral — ou conselho, que, quando chega a ser celebrado, da as maiores vezes pontualmente em divórcio. As discussões eram então grandes e grande a generosidade dos ideais. João Francisco Lisboa deu a prova individual desse estado de alma coletiva, querer do escoi dos seus contemporâneos brasileiros; mas, ao mesmo tempo, e foi isto o que o salvou da banalidade dos deslizidos, aliou sempre à sua elevação de espírito um sentido cínico das realidades que o tornou um excelente crítico de costumes e de caracteres, com foros de panfletário. Timon não foi para ele um nome vazio; do atenense leve a graca mordaz e desprezo de qual o ouro e quanto de quantos.

E' claro que João Francisco Lisboa nasceu com dotes literários. "Où devient cuisinier, mais en fait rotisseur". Lisboa não se contentou, entretanto, com ser um cozinheiro trivial; foi exímio na arte, o que se看得 com a prática e o cuidado. Ora ele foi essencialmente um estudioso. Quando faleceu, em Lisboa, ocupava-se em estudar, nos arquivos portugueses, o passado nacional, no qual soube entregar mais do que uma série de sucessos militares ou um rol de capitães-generais e vice-reis, descobrindo e aprofundando os aspectos sociais e econômicos. Foi-nos unius que a ciência estrangeira nas iniciativas essa orientação, mesmo porque, nas influências que pegava sobre o seu espírito, como suas preocupações a que obedecia o seu espírito, João Francisco Lisboa sempre foi rigorosamente nacional.

A sua obra de historiador confundiu-se com a de moralista político, que ele sobretodo foi, na definição bem arrabada por José Veríssimo: mas o moralista não destruiu com as suas divergências, a necessária pureza das linhas históricas. Os seus melhores ensaios neste campo foram o ótimo trabalho sobre a conspiração do Bequimão e a biografia incompleta, por havé-o surpreendido a morte, do padre Antônio Vieira. Incomplete, muito embora, excelente. O assunto tem aliás tentado vários escritores de nota, que desanimaram a meta do caminho, sentindo-se perdidos no labirinto de erudição e subtilizações do famoso jesuíta. Neste momento, a el-o conseguiu um historiador de grandes doezas, espírito parecido com o de João Francisco Lisboa, na severidão do método, na sobriedade do estilo, na imparcialidade dos

juízos. Refiro-me ao sr. J. Lucio de Azevedo.

O premio de João Francisco Lisboa não se deriva, evidentemente, do seu talento; também não pouco se deriva do seu caráter. Toda a vida se impôs para a seriedade do proceder e para compostura da ação. Era digno de ser imitado, o que não acontece com outros, que, no entanto se dão como modelos, a ser copiados. Além da honestidade sem jacta, possuía muita virtude, então como prezava, rara — a tolerância, que sabia estender aos adversários, uma tolerância espontânea da sua alma, que todavia não era então maior, ou se o meio favorecia mais a menchinhada instrução voluntária. O fato é que tem desaparecido da vida dos Estados os representantes daquela espécie de estudiosos, gente de "croise", curiosos e caicos brancos, que dantes constituíam em muitos casos, pela competência própria, pela simplicidade dos seus propósitos e pelo fervor dos seus ideais, um dos títulos de honra das províncias e um argumento moral em prol da descentralização. Estava, todavia, pelo que se vê o resultado oposto.

Nenhum contudo se pode comparar com o maranhense eminentemente que teve por objetivo capital, marcado com felicidade pelo dr. Pedro Lessa, humanizar a política com a moral — ou conselho, que, quando chega a ser celebrado, da as maiores vezes pontualmente em divórcio. As discussões eram então grandes e grande a generosidade dos ideais. João Francisco Lisboa deu a prova individual desse estado de alma coletiva, querer do escoi dos seus contemporâneos brasileiros; mas, ao mesmo tempo, e foi isto o que o salvou da banalidade dos deslizidos, aliou sempre à sua elevação de espírito um sentido cínico das realidades que o tornou um excelente crítico de costumes e de caracteres, com foros de panfletário. Timon não foi para ele um nome vazio; do atenense leve a graca mordaz e desprezo de qual o ouro e quanto de quantos.

E' claro que João Francisco Lisboa nasceu com dotes literários. "Où devient cuisinier, mais en fait rotisseur". Lisboa não se contentou, entretanto, com ser um cozinheiro trivial; foi exímio na arte, o que se看得 com a prática e o cuidado. Ora ele foi essencialmente um estudioso. Quando faleceu, em Lisboa, ocupava-se em estudar, nos arquivos portugueses, o passado nacional, no qual soube entregar mais do que uma série de sucessos militares ou um rol de capitães-generais e vice-reis, descobrindo e aprofundando os aspectos sociais e econômicos. Foi-nos unius que a ciência estrangeira nas iniciativas essa orientação, mesmo porque, nas influências que pegava sobre o seu espírito, como suas preocupações a que obedecia o seu espírito, João Francisco Lisboa sempre foi rigorosamente nacional.

En não sei o que diria João Francisco Lisboa dos costumes políticos da atualidade no Brasil, ele, tanto descontente e tanto safrado os do seu tempo. Presumo que não diria grande bem, e nesta suposição que a nossa época não possui um moralista e historiador como ele, para figurarmos, em tristes memórias de S. Lourenço, os traços dos nossos Césares, sobretudo alguns de província. Enquanto talvez mal com eles, a descontumência de Césares, não, certamente ficam com isso mal. Não nos faltam decretos totais por se abrirem à imprensa; o que falta muito, e bravamente em João Francisco Lisboa, é independência de caráter, para lhes emprestar autoridade.

Paranámirim, fevereiro de 1938

OLIVEIRA LIMA

Sobre o Maranhão

(Continuação da pag. 46)

tos e ordinários, eles se habitaram a ociosidade, as paixões maternas e as espionagens, o trabalho, coisa para a qual sempre eram exclusivamente dedicados.

Príncipes alem disso de tudo,

quequer distinção, a sua atenção atentava raras festividades, de caráter religioso, extenuadas de toda a casta de rezinhas, juntando em número, e quando nasciam nasciam românticos e exóticos presídios; rendendo-se, dividindo-se e encontrando-se no dia-a-dia. É fácil imaginar a origem de conservação visto

(Continua na pag. 48)

JOÃO LISBOA EM S. PAULO - José Veríssimo

Existe ainda a sua política de *ingraçada* nessa sua frase, que serem oradores sagrados e contemporâneos, não há mais paridade entre os dois que entre a França de Luís XIV e o Portugal de D. João IV. Sobre ser orador sagrado de mais alto pensamento e melhor estilo o gosto muito mais apurado, Bossuet é um pensador, um filósofo, um teólogo, de doutrina, quando o compara a teologia católica, própria, com toda a cultura sagrada e profana do seu tempo, e é mais um historiador (e não é ao seu retórico discurso sobre a história universal que atudo) de real valor. Outra, noda disto e Vieira, se não de segunda mão, mediocremente até ridiculamente, como no seu estilo de trocados e gongorismos do pior gosto, ou nas suas histórias do futuro ou do quinto império, ou mais ainda nas suas sandálias exeges das "Eclipses prophetarum" e dos próprios "Sermões".

E certo que não existiam ainda academias de leituras que a pretexto das sistematizassem o engrossamento. Nem sequer existia esta palavra. Velha como a humanidade, a doutrina ainda não de todo desprendida, se exerceria sem a desfaçanha que exigiu a crise do neologismo que mais cedo que o vernáculo lhe exprimisse a batida.

Logo, num só dia, publicitação da Sociedade de Cultura Artística, que com iniciativa, zelo e constância viva procurando cumprir o seu programma mediante exposição de orais, audições musicais e conferências literárias.

Desse tenho lido com prazer e quero algumas, como a do nome poeta paulista sr. Antônio Amaral, sobre Raimundo Correia, o de outro de nome já falecido, o sr. Vicente de Carvalho, sobre Alcides de Azevedo, e o do sr. Oliveira Lima, sobre "A sua diplomacia", em que a funda das informações se encontra das graças da dizer. Nisto tem anexo a Sociedade de Cultura Artística publicando em volume as suas conferências, cada a que estenderia a todos os bons efeitos que legítimamente espera do seu emprego. (1) As que tenho lido são ricas, sérias e de estudo, e não em publicações que aqui trouxeram certas conferências, alias confechadas de grandes relevantes.

Os autores paulistas desses três artigos certamente o que soube Jóao Francisco Lisboa faz o complemento a sr. Pedro Lessa, professor de direito, advogado jurista e autor de extensos estudos de filosofia e direito e da história, e o sr. Pedro Lessa, um bom autor das letras nacionais no que elas interessam aos seus estudos de preferência.

Por um engenho literário provado em obra rafiosa, pertinaz, dotes de rincuidade, jocos e elegância, distintas qualidades de pensamento, é Jóao Lisboa um dos primoriosos escritores brasileiros. E' dos poucos que não olharam somente nas histórias da literatura ou nos antologias. Foi mais, o que lhe deu a personalidade, um bom cidadão, um homem de bem, e essa coisa variústica nessa sociedade que parece ter nascido com todas as deformidades da velhice, um caráter interior e íntimo. Não conheço em todo a literatura brasileira obra mais propria para nos levantar o espírito e o coração do que a de Jóao Lisboa.

Declaradamente foi esta circunstância que moveu o sr. dr. Pedro Lessa a escolher para tema da sua conferência o grande escritor maranhense, que soube manter bem alta a dignidade das letras, sem jamais se haver vergido delas para "ganhar", segundo a pista fraseológica de hoje, posições e vantagens pessoais.

Não, muito pelo contrário, conforme recontando-lhe a vida mostrou o sr. Pedro Lessa, suas letras, além de alguma dissidência, só lhe deram o insuficiente prazer de as cultivar gostosa e sinceramente. Publicista e jornalista militante, historiador e moralista, humorista às vezes alegre, mas sempre comedido, a satisfação característica de Jóao Lisboa, a sua isenção, está fo-

"(1) — Este desejo acha-se hoje excelentemente realizado com a publicação do volume: "Sociedade de Cultura Artística", Conferências, 1917-1918, S. Paulo, 1914, 243 p.

lha em tempo de intelectuais que achavam bem claro. Julgo que Jóao Lisboa exigiu a importância da revolta do Bequimão, vendendo com olhos de liberal brasileiro de meados do século passado, como, sob a mesma influência, acaso exagerou a importância do nosso municipalismo colonial. Quanto à sua reprovação das tolas abusões e credicias do padre Vieira, escou de inteiro acordo com o historiador maranhense. Ainda em relação com a época se não explicam, e menos desculpam, tais aberrações de Vieira. A sua instrução demasiado formalística e exclusivamente literária, como era em geral a jesuitica, não o livrou de cair nelas, como lhe deixou cometer erros graves de cosmologia, já ao seu tempo indesculpáveis.

E' um vexo, a que ainda caem, se bem mais discretamente do que é costume, o sr. Pedro Lessa falar de Bossuet a propósito de Vieira. De parte



A estatua de Jóao Francisco Lisboa

na mais infeliz lama, sobrenome das suas histórias e das condonando quase unicamente a abundância material, evocar a figura histórica do austero patriota, Jóao Francisco Lisboa, em suas mais expressivas revelações, a suprema inconsciência e o completo e desatado impudor, a servir-se as ambigüidades do mais rombo, estéril e envilecido egoísmo, com a silenciosa aquiescência dos que em imensa legião, perdidos os sabores dos nossos políticos e jornalistas, produzir a mesma impressão que o aparecimento da sombra de Banquo em meio ao círculo tranquila e sordida-jestim de Macbeth".

BIBLIOGRAFIA DE JOÃO FRANCISCO LISBOA

Eis, segundo Artur Mota, a "O Brasileiro", escrevem no bibliografia de Jóao Francisco "Pharol Maranhense", no "Echo do Norte", na "Chronique Maranhense", em "O Forum", no "Correio Mercantil" (do Rio de Janeiro), no "Publicador Maranhense", "Jornal de Timon" (por ele fundado e mantido, em publicação mensal), no "Jornal do Comércio", (Rio de Janeiro), na "Revista Contemporânea de Portugal e Brasil" (1932) e na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro".

Encerram: "Jornal de Timon" (publicação mensal), abrangendo: "Eleições da antiguidade", "Partidos e eleições no Maranhão (1º volume); "Apontamentos para a história do Maranhão" (vols. 2º e 3º); "A vida do padre Antônio Vieira", "Biografia de Manuel Odorico Mendes", "A festa de N. S. dos Remédios", "Teatro S. Luis", "Discursos sobre a anistia aos pernambucanos resoltos", "A festa dos mortos ou a procissão dos ossos", "A questão do Prota" e "Notas" (4º vol.).

A segunda edição é portuguesa, em 2 vols., de 450 a 550 páginas, com uma notícia de Antônio Henriques Leal e um apêndice de F. Sotero dos Reis, com o mesmo confeudo — Lisboa, Tip. Matos Moreira e Pinheiro, 1881.

2 — "Vida do padre Antônio Vieira" (obra postuma) — 5.ª edição de 388 págs. — Rio, B. permanente, L. Garnier, 1891.

"Obras" — v. 3 — págs. 171-172. Jóao Francisco Lisboa fundou 172.

SOBRE O MARANHÃO

(Continuação da pág. 42)

riam os seus ódios mesquinhos, envenenados de mais e mais periodicamente, nas residências e devassas janeteiras — campo aberto a todas as funções para se degladiarem, vasto laboratório de calunia e difamação, elevada pelas leis ao caráter de instituição regular e permanente,

"Obras" — v. 3 — págs. 171-172.

João Francisco Lisboa na opinião de Ronald de Carvalho

Sobreleva a todos, nesse período, João Francisco Lisboa (1812-1863) o autor espirituoso, elegante e sutil do "Jornal de Timor". Manejando a língua com apuro e distinção, conhecendo as velhas literaturas, a portuguesa especialmente, foi ele um dos nossos escritores clássicos por excelência, aquele, pelo menos, em quem o sabor clássico é mais característico. Muitas das suas páginas lembram, pela malícia e ironia, o estilo de um D. Francisco Manoel mais espontâneo e desavivado. Inteligência universal queremos dizer versatil políglota, Lisboa, no meio dos seus companheiros enfáticos e atraídos brilhou pela liberdade do caráter e pela profundidade da capacidade de observar sagas e astúcia.

Suas investigações não se circunscreveram a rebuscas de biografias obscuras, dilataram-se aos problemas jurídicos, étnicos, políticos e sociais, pois ele possuía, em alto grau, a intuição do que se chamará depois a "fisiologia da história". Praticamente, na política e no jornalismo, teve ocasião de sondar a alma popular, de ver em atividade o organismo social da sua terra, de lhe seguir, portanto, a marcha evolutiva como parte integrante dele. Naturalmente, depois de certo tempo.

(Pequena história).

Capítulo I do romance "Dunas" - Bresser Accioli

O sobrado de telhas encardidas e algumas de vidro e o maior, o mais alto de toda a cidade, tendo duas varandas, quando a das fundas da de cima com a vista nos montes: no rio, onde as águas passam levemente sobre as pedras limosas.

A vegetação desse dois montes investe com fúria, enlarecendo-as como braços em luta e se não continua pelos cercados é porque o rio a naufraga, ficando somente os salgueiros maranhando dentro d'água, enchendo as locas de pedra com suas raízes.

As coricilheiras são de montes em pico, escuma no topo, verdes com a vegetação circundando-as baixadas como um colar de clorofila e no verão, mesmo quando todas as caatingueiras, as outras caatingueiras estão desfolhadas, raquíticas, as das montes conservam uma cor de quem mal respira, de quem mais assusta... Bem na beira do rio, a casa de polvorão é como um porto de emergência e não raro se vê uma canoa presa no forquilhão, um bole que moreja.

—

João Francisco Lisboa, que entre numerosos artigos publicados na imprensa, também escreveu, com o douto cuidado de sempre, a "Vida do Padre Antônio Vieira", é o mais lúcido espírito e o maior estilista do tempo.

(Pequena história).

Foi a voz de Maria da Glória, essa voz mansa chamada Bernadete que me veio embalar numa recuperação de conforto, tirar-me dessa sonolência de ficar como que preso ao canto do rio, remoendo nessa manhã de tristeza de uma velha música, de uma velha história musicada que cada vez que a retribui fico com as temporas latejando, os olhos longinquos.

A figura de Maria da Glória caminha pálida, sacolejando-se numha animação de ossos, as mãos co roto salientes como os dos saudos tortuados, — e véjo atravessar a porta que dá para o quarto de Bernadete, atravessar flutuante, simplesmente iluminante, rápida.

A voz mansa se repele. Suplica. Impõe.

Quero a súplica renovar, chegar ao meu conhecimento com aquela mansidão do pedaco amigo e as vezes chego a pensar que Maria da Glória me está pedindo alguma coisa, que aquele pedido de Maria da Glória para Bernadete é também para mim.

Mas que posso fazer? Bernadete eu o culpado? O criminoso de toda essa história triste? Encurvado dentro do marquesão, relancei morosamente os lagos cobertos de panos, as mulheres tratando tripas frescas, soprando, manejando o cutelo como réo-reco, lavacarias mergulhando até os joelhos e mais adiante meus olhos caminharam como uns bois que pouco a pouco se vão perdendo na folhagem. O normaço fortíssimo envolve os montes, levantando-as das águas ainda mais impetuoso, condensando e numha intensa vibração, como se as moléculas esquivassestrem prantes a romper-se.

Agora tem uma canoa deslizando, pisando-se das cabecinhas de Zé Felix.

Um cavalo nadando atravessa mato velho.

O sol e de um azul puríssimo escaldando o céu, um lindo de nubinho estrelado, somente sujando sem resolver um único planeta fugaz.

O de carregador apitou, como um breve alarme. Depois, uma espécie de soltão invadindo tudo.

Estava encurvado, os olhos vagamente na tristeza do rio, dos montes, na tristeza de uma história que muito se concilia com a vida das águas — encurvado no velho e rebento enxugando quanto a voz de Maria da Glória surgiu, mansa muito mansa.

Vêjo-me no lado de Maria da Glória, presenciando a festa da vida de Maria da Glória, a nossa vida.

Bem que meus olhos tentam buscar a história mais triste e minha vida, mas os olhos transformaram-se em dois poderosos perfuradores de carne, que parecem casas de voragem. E deitado, como continuo, no marquesão, percebo que os esforços de Maria da Glória aumentam cada vez mais.

De novo a mágica de Maria da Glória se repete.

— Vamos Bernadete, tenha enima, eu quia sonhante esse goze.

Silêncio. Zumbidos de moscas sobrevoando uma competição doca defendida por um mosquiteiro de teia; Veludo, lambendo-se, delitado na espreguiadeira. Tique-taque. A pêcula sistemática. Tique-taque...

— Tome o remédio Bernadete. Você precisa ficar boa!

Maria da Glória deve ter acariciado os cabelos de Bernadete porque ouço sua voz irritante, metálica.

Tire as mãos de minha cabeça, zinha noida. Os meus cabelos são de ouro, ouviu? Ouro, ouro, ouro...

O peixinho malcriado manteindo a agonia.

— Não tem remédio nenhum, saida de jato de mun.

Maria da Glória saiu correndo de dentro do quarto, saiu correndo e encerrando, enquanto a porta se fechava fortemente com um surdo baque.

Vinha branca, mas muito branca, um véu de remedio numha mão, na outra uma colher de sopa, os olhos como de quem fugia de um abismo, de um enorme perigo. As unhas do rosto tremiam. As mãos numha palidez de espantar. Toda tremendo.

— Você agora tome conta de seu filha, Sigismundo.

Disse no sentar-se. E o choque para mim foi tão grande que fiquei como pregado ao marquesão, sem nem um gesto de auxílio, completamente surpreso, completamente inerte.

Nrm fui ver para Maria da Glória um copo dágua.

Quando ela voltou a sentar senti-me como culpado de todo esse incidente e cheguei a ter a incerteza se a devia fitar, se devia dizer-lhe alguma coisa.

— Maria da Glória você...

Mas ela rematou a minha pergunta inacabada antes que pudesse externar o meu sentimento, a minha culpa.

— Nada, Sigismundo. E isso mesmo. Pior é a guerra.

Remexi-me no marquesão, curti todas as manchas do laranja e fui pregar minha vista no gramolote.

Primeiro desapareceu a canoinheira, depois a esteante de madeira quando o gramofone com sua grande corneta, subindo uma gigante flor desapareceu, meus olhos já estavam longe, mas muito longe de tudo que me cercava.

O vento de leve agita os galhos da espargulheira, os cunhais amarrados de cravos de cimento e partiu uma possessa assando-se por entre os caules das ciprestes que ciprestes no fundo do quintal. As pedras recruldam meu calor barbado de oito horas. Na sala, as moscas não estão quietas um só instante, grande silêncio como se houvesse proibição de gestos. O ventre de Veludo é como uma constante murmurante, ronrona, enchi, vaca...

Então serel somente eu o culpado? O responsável por esta dor de cabeça que faz latir minhas têmporas, transformar a

vida de Maria da Glória, a nossa vida?

Bem que meus olhos tentam buscar a história mais triste e minha vida, mas os olhos transformaram-se em dois poderosos perfuradores de carne, que parecem casas de voragem. E deitado, como continuo, no marquesão, estante de música, cancinha.

O marquêsão lembrando um objeto sem uso, disponível, vazio, porque Maria da Glória poderia sentar-se nele. Eu não a sentiria junto de mim.

O marquesão é um ponto de apoio para o meu corpo deslocado e meus olhos continuam na direção da corneta do gramofone, olhos direcionados devido a observações de tempos retrospectivas de viões anteriores. O calor chega a tirar chamas nas rodas dos carros de balançando sua areia e uma onda de sono lava meu corpo imóvel, como se eu houvesse feito uma grande jornada. As moscas estão-se dançando, irrequietas, cada vez mais irrequietas, desenhando o ar de vozes rápidas. E há uma impertinente, pendendo na ponta do meu nariz. Dou um salto. Dou salto. Mas sempre ela vem, azucrando.

Jogo a cabeca para o lado de Maria da Glória. E me desvio no vélum triste. Percebo um passaro ferido. Debruça balanço, as mãos encravadas no peito magro. Fico a olhá-la como se fosse um bom médico e como não me achasse com direito de ficar mais tempo, disse-lhe:

— Ja está na hora de dormir. Maria da Glória?

Minha mulher começou a chorar lágrimas já cristalizadas chorando por dentro e esta minha pergunta assentinharia-se a uma valvula.

A voz de Maria da Glória respondeu-me tímida e distante.

— Diga, Sigismundo. Você está chente? Você está muito doente, não? Minha mulher me viu cair, de novo, inquieta sonolenta, olhando para o tempo, integralmente abrandada. Voltavam todas as faces, voltava a cabeca de Fabiola flutuando como uma canadá marinossa. Voltavam os auros do veleiro branco como asas enormes de galvatas. Estava perdido. Tinha tudo voltado. O veleiro de Fabiola navegava a barlavento. Havia no tombadilho barriess de vinho português: homens bronzeados carejando músculos, subindo ao topo do maior mastro. Sim, mas tudo isso era dentro do veleiro cortando as águas da minha imaginação, as águas e ondulações dos corais soluçando como crianças ao verem na popa do veleiro a figura de Fabiola. Eu era um homem morto pelas vidas.

Por que viver o romance de Fabiola num pensamento de sangue? O caminho será o mesmo? Tudo naufragará? Quem sabe?... O próprio marquesão que estava sentado no meu corpo, nem eu próprio, sabemos. Minha mulher voltara a pedir que Bernadete engolisse uma colher de remédio e os gritos de Bernadete chegaram a mim insignificantes, mansos.

Não ouço nada, nem posso ver nada. Bernadete poderia arrancar todos os cabelos de Maria da Glória numa de suas fúrias de ciúme louca. Nada poderia suceder. Nada. Nem mesmo um assassinato. Um imenso mar enche meus olhos de espuma, de vagas enfurecidas. No rio, as negras ainda devem estar de cócoras, soprando tripas.

JANEIRO DE 1942 — RECIFE

Duas mortes na Academia Brasileira

A noite que está a findar e dois falecimentos, no qual o da Academia Brasileira de Letras na segunda-feira pela madrugada faleceu, em sua casa da Ladeira do Ascarva, Fernando Magalhães; na noite de terça-feira, faleceu, na Casa de Saúde da Gávea, Pereira da Silva.

Dois homens figurais igualmente faleceram da casa de Machado de Assis embora, na vida literária, estivessem colocados como antípodas — Fernando Magalhães foi, essencialmente, uma organização de homem de ação, de político, de bávaro. Sua simpatia possui irresistível, sua eloquência de grande tribuno, o ardor com que apreciava os contemporâneos, combatendo uns e exaltando outros, o impeto e arrojo, o destemor de suas altitudes — tudo isso for-

mara dele um polemista de temível pulso, um lutador, um condutor de massas. Ao contrário disso Pereira da Silva era por excelência o poeta, lhe devia ouvir estranhas vozes em surdina, esse homem timido, melancólico e sofredor: devia ouvir aquelas vozes que um dia eram grandiosas e confrades chamavam as vozes das estrelas. E toda a sua vida de quase septuagénario viveu-a ele nesse encantamento doloroso, mas maravilhoso.

Tanto Fernando Magalhães,

quanto Pereira da Silva, foram inhumados no cemitério de São João Batista. Domos nessa página os adeus da Academia aos seus dois ilustres mortos: o adeus a Fernando Magalhães, pronunciado por Pedro Calmon; e o adeus a Pereira da Silva, proferido por Mário Leão.

Tracos biográficos de Fernando Magalhães

Fernando Magalhães nasceu no Rio de Janeiro a 18 de fevereiro de 1878. Era filho de Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães e d. Degolinda Magalhães. Educou-se no Colégio Pedro II e graduou-se em medicina em 1899. Já em 1900 era vice-diretor nas funções de professor interino de ginecologia na Faculdade de Medicina e um ano mais tarde investiu-se em encarregado de lívico-docente substituto ao professorado, como substituto, de clínica obstétrica. Exerceu o cargo de diretor do Hospital da Maternidade do Rio de Janeiro, e, sucessivamente, foi membro do Conselho da Universidade destinatária capital, do Conselho Nacional de Educação, professor do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, diretor da Faculdade de Medicina, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, diretor da Beneficência Portuguesa, diretor do Hospital Professor consultor do Hospital da Beneficência Portuguesa, presidente da primeira e da quarta Conferência Nacional de

Educação e delegado do Estado do Rio de Janeiro à Assembleia Constituinte, em 1933. Da mesma forma, era membro da Academia Nacional de Medicina, da Academia de Obstetrícia e Ginecologia do Brasil, além de numerosas outras entidades científicas.

Ocupava na Academia Brasileira de Letras a cadeira nº 23, da qual é patrono Raul Pompeia e fundador, Domicio da Gama. Foi eleito a 22 de julho de 1926 e recebido naquela sede a 8 de setembro do mesmo ano.

Fernando Magalhães deixava viúva a sra. Olga de Andrade Magalhães, filha do ilustre escritor e jornalista Nuno de Andrade, e os seguintes filhos: sra. Beatriz, casada com o sr. Julian Chacel; sra. Lucia, diretora da Divisão de Ensino Secundário do Ministério da Educação; e sra. Lavina, casada com o sr. José Carlos de Oliveira Costa; e Nuno, catedrático interino da Faculdade de Medicina.



Fernando Magalhães



Pereira da Silva

O adeus da Academia Brasileira a Fernando Magalhães — Pedro Calmon

"O adeus da Academia Brasileira a Fernando Magalhães é mais do que a homenagem de sua saudade na emoção triste de despedida traduz a gratidão coletiva pelo exemplo presidente que, por três vezes, lhe orientou com acerto os destinos, e a justiça que testemunhou e tributou aos seus admiráveis serviços. Orgulhava-se dele. Foi uma das figuras veneradas dessa comunidade de homens de pensamento. Tinha a altura mental, a finura de espírito, o exuberante clísmo, que o vingaram à sua época e à sua terra como forte expressão de raiz e alma; pode-se dizer que nasceu predestinado para dirigir o sentimento público; e com esse condão de doutrinar as massas atravessou a vida seguindo admirado, aplaudido, como o professor de vasta ciência, o tribuno de inspirada eloquência, o esteta apaixonado pela beleza e pela verdade, o pastor de opiniões agitando nos topo da nossa paisagem social o seu gesto de comando..."

Médico de notável saber, técnico no seu douto ofício, festejado pelos mais ilustres juizes da proficiência e do conhecimento — nunca, deveras, restringiu ao campo da ciência aplicada a fascinante curiosidade de seus talentos. Recebeu-o a Academia, na vaga de

Domicio da Gama e na cadeira de Raul Pompeia, como o polígrafo iluminado pela consciência literária de sua missão de mestre das boas lições, sociólogo do papel dos doutores no meio brasileiro, pedagogo das questões perais do ensino, moralista ou filósofo nas suas mensagens de entusiasmo virtuoso, escritor de excelente prosa, poeta das idéias harmonivas, orador, na linha dos maiores que tecem honrado as letras nacionais. Irrestituível, na fluidez de sua palavra persuasiva, fulgurante e memorável no arrebatamento de suas campanhas patrióticas. Viera da cadeira, ressoante ainda das vibrações retóricas do outro século, quando os perfeitos lentes coroavam de ênfase a aula primorosa, como um envolto das forças materiais de que se constitui a Universidade. Devia falar às multidões a linguagem quente e ingênuas das que nelas creem. Embriagara no coração da mocidade o idealismo flamejante, retemperando-o dum estranho vigor. Trazia a embalizada das esperanças impostas no calor de suas "orações de sapiência", na trepidação juvenil de seus discursos de paixão, no fogo claro e inquieto de seu apostolado de educador, de estudioso intelectual, de semeador de iniciativas

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE PEREIRA DA SILVA

Antônio Joaquim Pereira da Silva nasceu em Araruna, no Estado da Paraíba, a 9 de novembro de 1878. Fez os estudos secundários na antiga Escola Militar na Praia Vermelha. Começou a carreira de escritor fazendo a crítica dos autores contemporâneos nas colunas dos jornais do Rio de Janeiro, especialmente nas da "Cidade do Rio", da "Gazeta de Notícias", da "Epoca", da "A Pátria", e do "Jornal do Comércio". Ao lado de Saturnino Melrelos, Félix Pacheco, Gonçalo Jacome, Carlos Dias, Fernandes e Castro Meireles, terçou armas em favor do movimento simbolista, atuando com assiduidade e brilhantismo na revista "Rose Cruz", famosa nos anais da literatura do país.

Mais tarde, a convite do antigo editor Leite Ribeiro organizou, em colaboração com Agripino Grieco e Théo Filho,

o mensário intitulado "O Município Brasileiro da Literatura", na qual foi publicado em 26

Publicou em 1905, o primeiro de junho de 1934, encerrando volume de versos denominado Luis Carlos de Freitas "Vai Sol!", Publicou depois as "Sous la coupe", editadas a "Beatitude" (em 1915) e as personalidades dos poetas Luis Carlos Adelmar Tavares, Silva Solitudo".

Em 1921 surge o "Helenópolis", em 1923, o "Fôs das Sandálias", em 1923, a "Borbônia da Melancolia", e em 1940 "Alta Solitude".

Ocupava a residência nº 18, que tem como patróno Júlio Francisco Lisboa, e que foi fundada por José Verissimo. Pereira da Silva era membro

O adeus da Academia Brasileira a Pereira da Silva -- Mário Leão

Com a intervalo de poucos horas, o marco golpeou fundamental, por duas vezes, o coração da Academia. Na madrugada de segunda-feira, levava-nos Fernando Magalhães, alma erubetida e ardente, orador de exames qualificadas. Ao chegar à noite da terça-feira, levava-nos Pereira da Silva.

Com emoção e fulgor, Pedro Calmon expressou a Fernando Magalhães, um meu impedimento ocasional, a saudade imprevisível que ele deixou em nossos corações de compatriotas.

Deste, que hoje conduzimos à desordem morada, destas encantadoras e meigo Pereira da Silva, quase temos a dizer, também, para significar a saudade infinita que vai deixar em nossa casa!

Pereira da Silva teve um destino, um único e maravilhoso destino — o do Poeta. Nunca foi outra coisa, nunca ambicionou ser outra coisa, nunca pensou que pudesse ser outra coisa, sendo esta coisa simples, misteriosa e divina — um Poeta.

Lemos, com dúvida, em suas memórias biográficas, que ele escrevia trabalhos de prosa, que ele foi, como tantos outros de nós, um rude operário do jornalismo, que ele produzia estudos de crítica sobre os seus contemporâneos. E, de certo essa informação é exata. Mas nos falam: tudo isto era ainda paixão. Se bem analisarmos a saudade daquela sua crítica, daquelas suas estudos, daquele seu

mousar em jornaais, se bem pensarmos nele aquela sua concepção de vida e do universo, se bem examinarmos aquilo que poderíamos chamar a sua "filosofia", e que vamos achar é isto: é um poeta, preconizando da expressão à sua sensibilidade. Pedra herá-lhe com uma expressão nova, usando a forma de prosa, a não mais a forma de poesia; mas a que ali encontramos é um poeta, um poeta que copia outras emoções, sem dúvida diversas das emoções que lhe são mais familiares, mas sempre um poeta, isto é, um ser místico, embriagado de mistério, sofrendo.

É preciso dizer que esse poeta soube conquistar um lugar seu, invariavelmente seu, na literatura do nosso país e de nosso tempo. Ele será o poeta por exceléncia se transformarmos a Poesia como o fundamento da empatia intrapsíquica e natural. Nenhum dos seus companheiros de vocação literária — e me refiro, é claro, aos maiores — olhou tanto para dentro de sua própria alma. Nenhum teve encontrado tantas vezes Deus dentro de si mesmo. Nenhum falou tanto na Noite — na Noite, que é, para si mesma, a poesia do Universo. Nenhum viveu tão intimamente com o Irmão Dom e com o Irmão Tristão. Nenhum suspirou mais intensamente pelos carinhos divinos de Irmão Morte.

Sim: Antônio Joaquim soube querer, em sua pobreza e em sua piedade, o seu céntico a todos os criaturas. Erguê-lo, a exemplo de quele moravilhoso Francisco, o Pobrezinho de Assis, quefe que se levan-

tou de humildade mais íntima para viver na peste? Responderei que é tornar um dos símbolos do unico e excepcionais que esse advento é verdadeiro grandeza humana.

No canto de todos os criadores entado pelo poeta brasileiro, e se acha em um dos seus sonhos mais expressivos, naquel que se intitula "Ad Amicos". Ali o poeta imagina o dia que estamos hoje vivendo — o dia que estamos — e a Dor, é a Tristeza, é a Melancolia, é o Abandono, é, entre todos, a Mortal.

Cantar assim, saber cantar assim — não só a mais pura forma de me:

Bem sei — chegando a morte — meus sahásias,

O que de mim dirás, à despedida:

— Era um poeta da Mão comovida.

Fim comum, dates inferiores:

Não teve os olhos dans reveladores
Da divina Beleza,inda escocida.
Faleu-lhe o gênio que sublima a Vida,
E diviniza os divinizadores.

Sabe. Também não tive tal valéria.

Pa — somos todos Jante e eternidade:

— Monos que pô, menos que poesias; — nôta.

Mas, inda assim, no mundo de matéria,
Dai ao pô do minh'ânia a forma eterna
Do dor humana espiritualizada.

"Dai ao pô de minha alma a forma eterna de Baudelaire." — Onde poderíamos encontrar definição mais exata e mais bela para a sensibilidade do campanheiro de quem nos despedimos hoje, para a sensibilidade dolorosa daquele homem piedoso e docil a menor que anhou tanto na intimidade dos gênios mais tristes e mais puros, para a sensibilidade de re que foi um íntimo de Antero de Castro?

NOTA A ESTE NÚMERO DE "AUTORES E LIVROS"

AUTORES E LIVROS dedicou o seu sexto volume a distinguidos e notáveis poetas. Iniciado com um numero especial dedicado a demais e dedicado à Academia Brasileira de Letras. Ali inclui os discursos proeminentes por ocasião da recepção do sr. Getúlio Vargas, e bem assim os pronunciados por ocasião da recepção do sr. Menotti del Picchia, incluindo também os discursos da cultura, pronunciados pelos sr. Mamedo Soares, presidente da Academia terminada, e Mário Leão, presidente cuja mandatária bicampeã.

Seu segundo número, dedicado a Varnhagen, compõe igualmente a série dos historiadores. Veja hoje o numero dedicado a João Francisco Lisboa Segurado ou os numeros dedicados a Rio Branco, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima, Eduardo Prado, João Ribeiro, Alcides Carvalho, Barbosa Lima, Poer da Cunha, Roque Pomery, Vieira, a seguir, a sua edição gaúcha colonial, na qual temos Gregorio de Matos, Boaventura da Gama, Tomaz Gonzaga, Claudio Manuel da Cunha, e dois Alvergnas.

Para encerrar o sexto volume — nel o sistema de fechar cada edição com um grande autor consagrado — e daí no próprio dedicar em suplemento a Camões.

Um turbulento Jornal da geração de Aluizio Azevedo -- Jusué Montello

Foi por inspiração do bispo que a "Civilização" — famoso jornal do clero maranhense — apareceu em S. Luiz pelas alturas de 1880. Tinha redação e tipografia no velho seminário de S. Antônio. Saia aos sábados e intitulava-se "Orgão dos interesses católicos". Entre os seus colaboradores mais assíduos figuravam o poeta Euclides Faria e o padre Raimundo Alves da Fonseca. Desde a sua aparição, a folha católica revelou, pelo tom dos artigos de combate e doutrina, o propósito missionário de trazer à força, para o rebanho de Deus, as ovelhas desarradas.

Esse espírito combativo teve aliás a sua razão de ser. A decadência do patriarcado rural levando de roldão a fortuna de muita gente, transformara a cidade burguesa de S. Luiz num viveiro de ociosos. Os antigos senhores poderosos, agora arruinados, parasitavam na capital a expectativa de emprego público. Os burgueses rumeados recolhiam, contrafeitos, nos aposentos vagos dos seus sobrados, a parentela decadida. As manecinhas se multiplicaram entre senhoras e escravos. Muita virgindade se desfez sob a impressão confrangedora da pobreza. E essa dissolução de costumes chegara a atingir o próprio clero, comprometendo os créditos da Igreja no Maranhão. Sacerdotes respeitáveis não coravam de manter amantes nas ruas melhores da cidade. As janelas dos seminários se transformaram em pontos de namoro, e a filharada bastarda dos sacerdotes aumentava dia a dia, num desrespeito aos princípios de ordem religiosa.

Toda a cidade de S. Luiz tinha conhecimento dessas coisas. Não tardou, por isso, encobrir-se um movimento de reação, provocado por aquelas raízes nos quais Ceilo de Magalhães havia comunicado a flama de novas ideias emancipadoras. A campanha anticlerical ia ter, agora, espetáculos mais rumorosos e sensacionais. Os escândalos do clero começaram a ser divulgados abertamente, envolvendo cônegos e monsenhores.

A ameaça dessa reação foi presentida pelos sacerdotes foliosos. O clero se congregou para desferir um contracolpagem destinado a salvar a igreja do alívio em prenúncio. Nos pulpitos, começou a contracampaña. Espalhou-se pelos lares, graças à habilidade dos padres bem acolhidos pelas famílias ilustres. E culminou pelo aparecimento, naquele ano de 1880, da folha religiosa destinada à defesa dos interesses católicos. A "Civilização" surgiu dessa forma, como um instrumento de luta. Daí o tono violento de seus artigos de doutrina. Esse excedente foi uma contingência natural. E a gazeta dos padres do Maranhão se manteve ventos, haveria fatalmente de colher um resultado lógico, o estrondo e a descarga dos temporais... *

Efelivamente, a 10 de setembro do mesmo ano, surgiu, com o propósito de responder ao clero, um periódico de formato pequeno e com o título pertencente de "O Pensador". Por baldo de título, vinha esta indicação vaga: "Propriedade de uma associação", e todos os colaboradores, destacadamente anticlericais, se embucavam debaixo de pseudônimos. A "Civilização" era alvejada em toda linha. Velhos escândalos que a sociedade escondia vinham à lume nas colunas do periódico dos pensadores livres. Os clérigos tinham seus nomes escritos com todas as letras no relato minudente das maroteiras praticadas às escondidas. A nova gazeta aparecia três vezes ao mês — e constituía, na tranquila cidade provinciana, uma audiácia nunca vista. Em vão lutavam os sacerdotes para desbaratar a horda inimiga. "O Pensador" insistia sem medo, esfrangalhando corajosamente respeitáveis reputações de batina. Nunca seção intitulada "Echos de Rux" dava aguinaldo a todas as murmurações escandalosas em torno de prelados ilustres.

Na batalha, os lutadores, em geral, como ficou dito, se dissipavam sob pseudônimos. Apenas Aluizio, desde o primeiro instante, fez questão de sair

"O Rev. Frei Osório" apontava o príncipe "O Pensador" transfigurado o humorístico para as janelas do "Seminário"!

"Muda de vida, Irade, saímos da denúncia".

A "Civilização" receberia a nova folha com desabrigamentos ofensivos. Devolvera mesmo o primeiro número que lhe fora enviado especialmente pela redação de "O Pensador". Mas não se latitudou sob um silêncio covarde. Investiu armado e zambio da ira dos clérigos conferados nas colunas católicas da "Civilização". E seus remexões, em muitos lares, assumiram o tom audacioso de uma provocação de espírito dachim.

Foi Aluizio o primeiro a assinar o próprio nome nas colunas de "O Pensador". Sua primeira colaboração assinada veio integrada no número de 10 de outubro de 1880. Por esse tempo, João Afonso de Nascimento, seu amigo, havia lançado outro periódico — "O Malho" — em substituição ao "Jornal para todos". Aluizio dirigiu ao redator da nova folha uma carta aberta, com alguns trechos sibilinos cacetados ríjos no padre Castro, seu desafeto.

O trecho final da carta vale a pena ser transcrita:

"Quanto a quem te dirige estas frioleiras — não desdenha estampar aqui seu nome obscuro com a condição de que não o revelas ao padre Castro, porque esse bondoso sacerdote, juro querbar piedosamente as costelas do autor destas crônicas, logo que descobrisse quem era. Teu amigo — Aluizio Azevedo".

Não satisfeito com o desafio, Aluizio encarrou no seu nome um asterisco e colocou na parte inferior esta nota em castilho de remoque e arrogância, fazendo o seu próprio retrato:

"Vinte e três anos, Moreno e corado, nariz grande e aquilino, olhos rasgados, escuros e prestanudos, usa a barba raspada e um pequeno bigode de um "efile" pitoresco; altura regular, cheio de corpo e cabelos castanhos e lisos. Sinal particular: traz constantemente uma grossa mangialha de carnáhuas de malha polegada de diâmetro e ferrada em ambas as extremi-

a, a campo, libertamente, sem discrições nem jogo juvenil de bravatas excessivas.

Seria ele, por isso, mesmo, o mais visado na carreira das armas do clero. Por portas e travessas foi Aluizio amaldiçoado de sarro. Mas não se latitudou sob um silêncio covarde. Investiu armado e zambio da ira dos clérigos conferados nas colunas católicas da "Civilização". E seus remexões, em muitos lares, assumiram o tom audacioso de uma provocação de espírito dachim.

Foi Aluizio o primeiro a assinar o próprio nome nas colunas de "O Pensador". Sua primeira colaboração assinada veio integrada no número de 10 de outubro de 1880. Por esse tempo, João Afonso de Nascimento, seu amigo, havia lançado outro periódico — "O Malho" — em substituição ao "Jornal para todos". Aluizio dirigiu ao redator da nova folha uma carta aberta, com alguns trechos sibilinos cacetados ríjos no padre Castro, seu desafeto.

O trecho final da carta vale a pena ser transcrita:

"Quanto a quem te dirige estas frioleiras — não desdenha estampar aqui seu nome obscuro com a condição de que não o revelas ao padre Castro, porque esse bondoso sacerdote, juro querbar piedosamente as costelas do autor destas crônicas, logo que descobrisse quem era. Teu amigo — Aluizio Azevedo".

Não satisfeito com o desafio, Aluizio encarrou no seu nome um asterisco e colocou na parte inferior esta nota em castilho de remoque e arrogância, fazendo o seu próprio retrato:

"Vinte e três anos, Moreno e corado, nariz grande e aquilino, olhos rasgados, escuros e prestanudos, usa a barba raspada e um pequeno bigode de um "efile" pitoresco; altura regular, cheio de corpo e cabelos castanhos e lisos. Sinal particular: traz constantemente uma grossa mangialha de carnáhuas de malha polegada de diâmetro e ferrada em ambas as extremi-

UMA REEDICAO DE SYLVIO ROMERO

No artigo em que encerrei a palestra com o sr. Nelson Romero, artigo que foi republicado no último número desse suplemento, anunciei que ia transcrever trechos da "História da Literatura Brasileira" e do "Machado de Assis". Trechos que quisera comparar dos textos das edições organizadas pelo sr. Nelson, com o texto das edições feitas pelo próprio Silvio. Flestsem bem salientes as alterações aquela introduzidas nas duas obras.

Inicia-se hoje esse trabalho de confronto, com o artigo intitulado "Branco", redigido pelo sr. Nelson Romero no quinto volume da terceira edição da "História da Literatura". Reproduzimos o estudo, apenas os trechos que aparecem alterados na terceira edição. As linhas de pontas indicam as expressões operando no trabalho de Silvio Romero.

Na coluna ao lado reproduzmos, igualmente, os dois brilhantes artigos que peço paginas de A MANDA publicaram Joaquim Ribeiro, filho de João Ribeiro, artigos esses que já se encarregaram a questão do "Compendio da História da Literatura Brasileira" escrita por mão comum por Silvio Romero e João Ribeiro.

M. L.

O BARÃO DO RIO BRANCO

Historiador e diplomata

Só a politividade patética e cegueira das classes latifundiárias conseguiram desmantelar o mais extraordinário de seus feitos, essa explêndida vitória. Aque adquirido intérro, além das mais notáveis fantasias, a base de algumas quantias, o dinheiro e de pequenos trechos de território à margem direita do Paraguai e à esquerda da Madeira, territórios aliás que são do número daqueles que, no cumprimento de antigos tratados, tinhamos recebido da Rússia por outros por nos credidos a politividade dourada e inconfundível não ditar a perda tão explêndidos esforços, poder-se-á ter por gloriamente finda a missão que o destino reservou ao filho do vidente, estatista, mortal patrício da raça negra.

Os que andamos em embate, em contato com a multidão subversiva das tropas peruanas que lhe estão armando os envolvidos odres de inveja, assas e bandidos de todos.

A intriga visa mais de perto os classes armadas.

Esta palavra revocava-me a memória a segunda nota que registrei no historiador do imenso Paranhos: o amor, a presteza irresistível por nossos festeiros militares. Isto desde os mais antigos tempos, desde sua juventude literária. Como pode ser bánsal ser um ministro do Exército e da Armada um escritor que tem passado a vida a estudar-lhes os feitos e a lhes devoar a glória?

Um operário dessa estação, sabendo dessa curta impunidade respeito de todos os andares, respondeu ao seu chefe: "E eu sou ainda maior que em seus estudos de escola profissional e confesso que me relaciono e convivo com as nossas maiores figuras marciais que lhe dispensavam carinhoso afeto e dos quais posso preceissíssima correspondência: Caxias, Osório, Porteiro, Barroso, Tamandaré, Melo e vinte outros.

Como infama não ser a maioria de estabelecimentos desse inserviável pântano de verdades solidadas, se lhes fosse dado saber que ardem hoje bilhares a tentarem intuir esse seu dileto Silva Paranhos com o exército, apontando-o como um deservidor da Patria.

Sinal dos tempos... triste e de os mais tristes!

Acordemos a monumental comédia de motins, que ante-e o tratado do Acre, para que vejamos certo que terrível foram as dificuldades vividas e não maior será a vantagem do Brasil em arrepiar o Estado, bendizendo os esforços de um filhaquerido.

1909
Outros Estudos de Literatura Contemporânea.

Um operário dessa estação, sabendo dessa curta impunidade respeito de todos os andares, respondeu ao seu chefe: "E eu sou ainda maior que em seus estudos de escola profissional e confesso que me relaciono e convivo com as nossas maiores figuras marciais que lhe dispensavam carinhoso afeto e dos quais posso preceissíssima correspondência: Caxias, Osório, Porteiro, Barroso, Tamandaré, Melo e vinte outros.

E é, em defesa dele, que veño, de público, exprobar o seu irrefieldo de Nelson Romero.

Devo declarar que, de uma parte, não houve nenhum pedido de autorização dos herdeiros de João Ribeiro para usar, como de Silvio, o que de direito pertence também ao meu saudoso pai.

Este depoimento visa tão somente esclarecer a verdade.

Eu desciaria entrar num diálogo, como caduceu de Mercúrio. Estimo e admiro muito a Mucião Leão como admirro e estimo a Nelson Romero.

Tudo, porém, depende de uma compreensão exata, por parte do organizador da terceira

edição da "História da Literatura Brasileira" da 3ª edição, 3º vol., pag. 377.

SILVIO ROMERO E JOÃO RIBEIRO -- JOAQUIM RIBEIRO

Na edição da "História da Literatura Brasileira", do demônio direito de crítica. E estaria que um filho de Silvio Romero é rebelde contra esse direito.

Nelson Romero devia assumir a responsabilidade de ter "alterado" a velha obra do pai. Deve confessar que assim o fez, porque a linguagem de Silvio, por vezes, era desleixada e algumas passagens ociosas. Podia ter colocado por subtítulo "edição refundida por Nelson Romero".

E tardia, mas deve ser verdadeira, porque não é só o modo algum que Nelson Romero seja um mestre. E muitos menos alôs a seu ilustre e mortal progenitor.

Essa questão é algo delicada. Justamente por isso, eu encarei publicamente, declarando no meu passado artigo:

"Devo declarar que, de uma parte, não houve nenhum pedido de autorização dos herdeiros de João Ribeiro para usar, como de Silvio, o que de direito pertence também ao meu saudoso pai".

O meu intuito era identificar qual a parte que autorizou a estranha divisão do condonato literário.

Vejam bem, agora, que é autor a Nelson Romero, basado numa indicação scedita do próprio pai que, de maneira aparente, revela.

Paulo de Azevedo & Cia. apresentava autorização, segundo creio, a transcrição do condonato literário.

Mas, Nelson Romero é um eldado, algo tivergente. Há dias, discutindo com o presidente Mucião Leão, alegava que a autoria de João Ribeiro e Silvio Romero na "Compendio", qualquer critico descobriria, mediante o estudo de cada um, curioso que, então, não alegasse a prova que era a indicação scedita com a letra de Silvio. Por que?

Não explico nem entendo bem essas coisas. Desejo tão somente esclarecer a verdade.

E como sentinelha do patrimônio espiritual de João Ribeiro, tenho o direito de exigir explicações sem subterfúgios no que diz respeito a um condonato do qual meu pai participa.

O fato concreto é saber nos verdadeiros termos como Silvio Romero fez a discriminação de sua autoria e qual o seu valor.

O "Compendio", juridicamente, é um condonato literário de Silvio e João Ribeiro. Paulo de Azevedo & Cia. é, atualmente, o detentor do direito patrimonial nul daquele condonato.

Tem valor a declaração de uma das partes (declarando incida e não dividida) em face de um ato jurídico, publicado, feito de comum acordo pelos dois coautores quando transmitiram o seu condonamento a um editor?

E claro que o ato válido é este último.

O condonato literário, portanto, persiste.

A minha atitude, consequentemente, se justifica.

As consultas dirigidas a Hahnemann Guimarães foi, portanto, mal dirigida. O que Nelson Romero deveria dirigir ao jurista era o seguinte:

a) Paulo de Azevedo & Cia., como detentor de uma obra de João Ribeiro e Silvio Romero podem autorizar a transcrição da sua parte desse condonato literário como da autoria apenas e exclusiva de um dos colaboradores?

b) Se houve essa autorização, os herdeiros de um dos coautores, como titulares de direitos morais, foram ofendidos?

Nelson Romero, entretanto, fugiu a essa equação. E alega que possui um exem-

plo do "Compendio", no qual Silvio Romero deixara, com sua letra, a indicação de sua parte.

Ora, esta declaração é tardia, pois não figura na edição da "História da Literatura" que ele reorganizou.

E' tardia, mas deve ser verdadeira, porque não é só o modo algum que Nelson Romero seja um mestre. E muitos menos alôs a seu ilustre e mortal progenitor.

E' um direito ao qual não devo renunciar. E não renunciarei.

"A Manda" — 25-12-943.

NOVOS - VII - HAYDEE NICOLUSSI

Poema para Mark Rampion

que me dizes tu dizer, onde te encontro para eu
te dizer tu é tua voz, tu é a interpretação tua
tu é a voz da verdadeira revolução do espírito —
tu é a voz de uma desordem nova, nova,
tu é a voz do whisky e morteira?
tu é a voz que não é só interminável, mas per-
turbante, tua voz é tua voz em Espanha
tu é a voz que não tem um deus destruído e
na terra natala qualquer?

— Antes nos paixões, na Amazônia,
na selva da Fauna ou no céu em São Miguel
tu é a voz de Ásia! Tu te perdes o céu com que
levo o céu, e
e como tu, mais forte que nie muda confundes
meu mundo.

tu que jegas em perfeito equilíbrio sobre a terra
deixa para trás uma mulher mais bonita que Constance
Chastelley — Mary Rampion!
Mary, a amada intocada de Jon Spartenkenn.
Também podia ser tua carapaua
uma das super-realista em amor, mas apenas
estrelas e umas de seu audácia.

tu só me se detem nem se comece, quanto tua
lamento,
consideravelmente solida e normal.

tu perdeste durante os um breve ou de um quarto
tempo

uma de um Rio.

Mark Rampion, onde te encontrar para tocar de
tu peleja que brota de tua lucidez estrela?

porventura ubíquo, apenas fantasmagórico,

ou estás, como a esperança do poeta, onde te
coloco?

tu vao saio todos os dias à tua procura.

ou entre sempre Burano no ermo de cada esquina.

ou sempre Burano ameaçando o meu horizonte de cada

esquina?

ou estás sei de um poço onde todos os canos e

Havia de sentir-te se cruzou
te adoraria como filha com orgulho

ou estás onde se mantinhas têm deves apontar-me

ou de dentro mantinha raios em paro pena.

— Se ficas contigo, nubes e viúvas por entre os pais-

que a sua humanidade, espelhando a guerra, não

é Rampion, será que dormes intimidação?

sentindo des varões límidos de minha terra

ou em que passo próximos e incapaz de malograr

tu preservar, anestesiada?

ou não te das a conhecer?

ou profície assim, diante de tuas inimigas?

tu faves tornar positivamente às páginas de um

romance inglês?

— Mark Rampion, sal destas páginas imortais.

ou a fantasma de tu espírito com carne e ossos,

ou dia em que eu souber que voltaste a existir de novo.

entretet meus cabelos em homenagem ao teu re-

gresso,

entretet as tranças que são o símbolo de minha ini-

daplação ao nada.

ou pela primeira vez, o sorriso estereotipado desapa-

recerá de minha face lavada em lágrimas.

ou como presente de nupcias eu te darei

ou uns trinta anos de solidão vivida em contacto com

uma infinita multidão.

Calmaria

sonho de barco perdido que ancorou na praia

que os remos parasse iguais a dois braços

que as velas se enrolassem sobre si mesmas como duas

lascas feridas,

exergo de árvore dormindo coberta de frutos ma-

ludos,

antes que tombasse do céu, numa nuvem de cristais

gelados,

ou a analgésica do inverno;

ou seja calado e humilde dos bichinhos humildes:

da ra que alcançou a mensagem azul do estrela

ou da cristalina que tecem miríametros de seda, em

plenamente

para poder desenrolar o papiro lendário das asas

enquanto ainda havia sol e verão na metrópole das

flores.

O grande sossego honesto das missões cumpridas,

(almas céticas, existem)

(Oh! noites polares, sem auroras boreais de espe-

ranças,

ou desengonos apunhalando a vida pelas costas,

mar morto das lágrimas grossas esperando a vanaria,

Pensamentos, insônias, terrores de madrugadas indor-

teres realmente terminado?)

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA" — VOL. VI

Quero cantar-te, brando sossego puro dos interiores
Sossego dos instrumentos de trabalho recuindos ao
sossego dos pés que caminharam e das mãos que re-
partiram sementes, ressoar dos campesinos adormecidos,
das rosas manhas balindo,

e dos desejos pacificados.

Quero cantar-te, bendito sossego imenso da cabeça
tonta de ver o pensamento girando como um cata-
vento que poude enfim adormecer sobre os joelhos
tremidos.

CANÇOES DE TORMA-VIAGEM.

Último desejo

Quando eu morrer, meus amigos, nada de esquecidas,
carvalhos ou abanos invadidos, tumbas de mármore
liso de vidro.

A matrícula Deus a criou unicamente para
servir de conforto aos vivos

Quando eu morrer, companheiros, de veludos e g-
lórias dourados

que nem se ouça falar:
é para vestir os corpos de suas amadas vidas

que os homens tecem sofrendo fitas, setins, bordados.

Quando eu morrer (a tal fato suceder em minha
enquanto meu corpo repousa, calmo, em seu leito de
morte, quer entre os vivos circulem flores, pão, vinho de pão;
os encantos desta vida cabem nos que ficam lutando
e não aos que descançaram deste mundo tão linda

Bom, sei que terei amado demais o sol e a quietura
ido logo — em vão! —
e o dia for de chuva e frio, vos, viventes que
bem podeis imaginar que bem deitar ao pé da

lareira, quieta, mansa, estirada, no último e suavissimo
sono!

Mas, já que o calor não retorna ao solo das carreiras
mortas, quer chova quer faça sol, levem-me para qualquer
lugar ou para as ondas do mar alto e joguem-me nou no
batismo, apenas em um sudário de preces defendida ante o

[Criador:] enquanto volta o corpo ao pô ou torna à água de
que nasceremos, minha alma, bem acima de sóis, raios, nuvens e
relâmpagos, beijando o rastro dos anjos e dos santos sempre

[serenos], irá em procus de Deus por estradas de diamantes.

CANÇOES DE TORMA-VIAGEM.

Ideal

Quero que a manhã de ouro e rosa, cheirando à
terra molhada, me venha buscar em meu leito, forrado de linhas
brancas,

para a fuma suave do lar:

— quero fogo para o meu fogão limpo,
quero vassouras de plantas rústicas em meu balcão de

pedra, quero despertar o Amado com frutas silvestres e
mel e o pão feito da flor do trigo, a flor da farinha

(mais pura).

Que o Amado seja guerreiro, trovador ou artesão,
mas que seja trigueiro de sol e bom como madeira

(de lei): — quero o bastidor de bordar, a vassoura, a plana

lóbata, o ancinho, e a cartilha, para ensinar ao meu filho a magia

Imortal da Vida,

enquanto ele forja em aço e óleo a era nova do

mundo,

Que a tarde cor de morango e nuvens de madras
me encontre com o dia ganho e a conciência
tranquila, toda pra a amenidade, vestida de linhos claros:
— quero receber o Amado no retorno do labor

diário, com a água do banho pronta e a mesa posta florida

e carícias nas mãos de seda, cheirando a malva

linda

E quando a noite vier devamanso, misteriosa, calada,
salpicando a sandália da lua, cheia de colares de

estrelas, ficarei bem quieta em meu canto, ouvindo a música

do vento ou a voz do Amado relendo os livros mais belos da

literatura.

Ab que no alto silêncio da madrugada tristeira,

a sua voz se quebre de sono e a sua fronte descarava

e eu me apague de manso em seus braços como uma

lâmpada velada...

1942



Haydee Nicolussi, num traço de Arpad Szenes

Discurso ao hóspede

O vinho é grego. É alegria, é ingenuidade, é olho

Porem, o cántaro que contem esse vinho é de barro. Barro dos começos do mundo, das terras virgens

amassado por gente rústica, de prazeres simples e

humana, barro que ainda guarda o sabor do mel e das folhas

verdes, e rumor de ventos marinheiros e de fontes em prados

humidados.

O vinho é grego. É amor, é carinho, é esperança. Mas o velho vaso que contem esse vinho é etrusco.

Vem de um país misterioso, cuja língua o mundo

desconhece, nunes mal se repetiu a significação dos seus grifos,

onde há cortejos de glórias e sangue de antigos

impasses, clamando nessas linhas rudes.

O vinho é grego. É perdão, é sabedoria, é silêncio. Mas o vaso que hoje guarda esse vinho é inteiramente cristão.

É de ouro? É de prata? É de vidro? Que importa?

Lembra aos olhos apagados, de Blázio ou de Rovena

fantástica.

Por ele passou o sangue de Cristo e o pão dos tri-

águlos de Hebron.

Quem dele bebe — diz a lenda — fica mais manso

que a noite triste.

Que a paz seja contigo, sob o meu teto. Irmão!

A POESIA DE



Oliveira e Silva

Sagitário

Numa rua longa, de velhos sobrados,
Junto à capela pequena, sombria,
Nasci num luminoso amanhecer.

Andorinhas trissavam nos telhados...
E o céu, tão harmonioso e claro, parecia
Em azul musical se desfazer...

Um destino, talvez extraordinário,
Em mim armou estranho sagitário,
Por obediência ao signo do meu mês.

Deu-me, para traír-me ou ludibriar-me,
Setas, um arco, pulso firme,
Fria mirada, só gesto rápidos.

Para acertar em que? Na glória, na fortuna,
No poder, na hora mágica, oportuna,
Do amor? aquele que nos faz sonhar?

Desde que me sorriu a primeira esperança,
E morreu (morreia, em mim, a criança?)
Atirou flechas no ar.

Visei, fremente, o amor que logo trouxe
Amarugem, depois, frescura doce
De fônia clara e nova a borbulhar.

Mas, vi as setas, audaciosas, astrevidas,
Cairem, longe, inutileis e perdidas
No infinito, no mar.

— O' Sagitário! o Sagitário! —
Até quando esse sonho temerário,
Até quando pretendes atirar?

Não ouves o marujo espumarento
Da borrasca, e não vês a mão do vento
As ondas côn de chumbo despençar?

— O' Sagitário! apressa-te a falar!

Até quando esse teu coração livre e forte
Em desafio permanente à sorte,
Enbragado de vida, fraquejar?

Ou até quando a treva se adensar,
Como negra cortina, ao teu olhar?

— O' Sagitário! o Sagitário! —
Quebra o teu arco pederoso,
As setas, uma a um!

E tempo de ripescar!

Francisco de Oliveira e Silva, nasceu no Recife, em 3 de novembro de 1897. Filho do coronel Francisco Antônio de Oliveira e Silva e d. Carolina Breves de Oliveira e Silva, descendente pelo lado materno dos Breves — numerosa família de fazendeiros fluminenses.

Fez os estudos primários no Colégio dos Irmãos Maristas, em Maceió, continuando-os no Recife e em Santos, para ultimá-los no Recife, no Instituto Alves Gama. O curso secundário, no Instituto Pernambucano, dirigido pelo dr. Cândido Duarte. Matriculou-se, em 1914, na Faculdade de Direito do Recife.

Aos quinze anos, iniciou colaboração semanal no "Jornal do Recife", com um artigo sobre Stoessel, general russo. Colaborou também, no "Diário de Pernambuco", "A Província", "Jornal de Alagoas", e "A União", da Paraíba do Norte.

Estreou com um volume de versos: "Cardos". Aos dezoito anos, publicou uma "plaquette" de versos: "Eneação".

Terminado o curso jurídico, fixou residência, em 1919, no Rio, e secretariou a revista "A Política", fundada pelo escritor Coelho Netto, e lançou "Vida Parlamentar".

Colaborou no "Jornal do Comércio", inclusive na edição respeitosa, a convite de Félix Pacheco, e em várias revistas.

Em 1921, transferiu-se para o Estado de Santa Catarina, onde exerceu cargos públicos. Fixou-se em Blumenau, onde se consagraria à advocacia militante, pelo espaço de dez anos.

Em 1931, alcançou, na Academia Brasileira de Letras, o primeiro prêmio de poesia histórica, relativa ao século do Descobrimento, com a sua "A Primeira Missão no Brasil", prêmio instituído por indicação de Medeiros e Albuquerque.

Em 1938, regressou, definitivamente, ao Rio, onde iniciou grande atividade jurídica. Lançou vários livros de direito comercial e penal, entre outros, "Das Sociedades por Acções", "Sociedades por Quotas", "Da Culinária e a Injustiça", "A Perturbação dos Sentidos e da Intelectualidade" e "Inovações do novo Código Penal".

Dirige, atualmente, a Consultoria Jurídica de Brasil e é Procurador da Caixa de Serviços Públicos do Estado do Rio.

Oliveira e Silva acaba de publicar "Sagitário", uma coleção dos seus últimos versos.

Aproveitamos o encontro para dar aqui com uma seleção dos trabalhos desse livro, as notas bio-bibliográficas, o retrato e o autografo do poeta.



BIBLIOGRAFIA DE OLIVEIRA E SILVA

- "Cardos", poemas, 1914.
- "Eneação", idem 1916.
- "Horizonte", idem, 1922.
- "O Poema da Humanidade", 1924.
- "O Voo Interrotópido", poemas, 1930.
- "Gota d'água" (istorianas e imagens), 1932.
- "A Maquinha da Felicidade", contos, 1935.
- "Meditações" (ensaio), 1942.
- "Sagitário", poemas 1943.

FONTES DE OLIVEIRA E SILVA

Gaston Figueira ("De la Nueva Lirica Brasileña", Antioquia, Colombia, n. 43, junho, 1941).

Hermes Fontes ("O Imparcial", janeiro, 1923, e "Pon-Pon", agosto, 1930).

Osório Duque Estrada ("Correio da Manhã", 1913, e "O Imparcial", 1917).

Manoel Arão ("Visão Estética", Recife, 1917).

Mário Leão ("Correio da Manhã", dezembro de 1922).

Osório Borba ("D. Casmurro", Recife, 1923).

Luiz Delgado ("O Estado", Recife, 1923).

Martins d'Alvarez ("D. Casmurro", Rio, 1941).

Ben Carvalho ("A Noite", agosto de 1941).

Fioriano Lemos ("Correio da Manhã", janeiro de 1943).

Povina Cavalcanti ("Ausência da Poesia", 1943).

Brinquedos

As estrelas, as árvores, o vento;
As nuvens, a fumaça dos navios.
No horizonte da tarde, azul-cinturão,
São meus brinquedos, meu contentamento.

Mapa da lua cheia! fico atento
As suas manchas: cordilheiras, rios,
Vales, fundos grotões? experimento
Alcançá-las com o dedo e o pensamento.

Sobre o mar, de maretas preguiçosas,
Lutam, batem-se, esplêndidas e francas,
As nuvens, em filanças aguerridas.

Linho para os heróis espumas brancas...
E, balsamo de todas as feridas,
O orvalho fresco e matinal das rosas.

Magic

Eu vi o teu corpo dourado na praia morena
Estendido, braços abertos, o colo arfando,
Junto à fimbria do mar luminoso.
Vi uma onda crescer, até, devagarinho,
Tocar-te os cabelos, fazer-se pequena,
E na glória da tarde, espumejando,
Fugir-te, num menino carioca...

A magia se renovou: clara, fremente,
Outra onda te cobriu, em torvelinho,
Como se te quisesse arrastar para o pelágio,
Em movimentos quase brutais,
Deixou-te, sem demora, indiferente,
Reabriram teus olhos, ainda mais belos,
E esse corpo dourado brilhou mal.

Então desejar que o mar embacassece,
Num minuto, e em delírio, num arranço
Espumosamente, loucamente branco,
O teu corpo, de súbito, envoiesse
Num turbilhão de lírios imortais.

Que te revelaria a vaga inquieta e murmura?
Conversas de ondinhas, estrofes da música
Das serenatas, perfumes da flora do mar?
O segredo, talvez, nos teus ouvidos,
Dos gemidos
Dos tritões verdes à hora de amar?

Depois, vi outra vaga, mansa, muda,
Assaltá-la, contente, afofando sargazos
Para o teu leito régio, que aveluda.
Num grito infantil, defendeste com os braços
Temerosa da súplice, importuna,
Que só te velo acariciar.

Adivinhou-te à boca um novo sumo,
Menos gosto de sangue que de mar,
Rescende toda, com cereja, à onda,
No mais estranho dos apogeus,
Deves, hoje, exalar um gromão,
Que embrigará ás um deus.

Rua da Aurora

As luzes do bairro com as águas brincando,
Ao anotecer, fugindo por elas,
Si a lua crescia pelo céu vasto,
Trêmula, brincava com o fundo do rio.

Ponte da Boa Vista! Ao longe, em seu mistério,
Parecia-me, a luz da tarde, um cemitério.
E, à noite, coberta de jolas, navio
Que não mais desejava a aventura viajera,
Feliz com a sua festa feiticeira.

— Rua da Aurora — grande brinquedo.
O vento brincava com o meu cabelo.
O luar e as luzes do bairro quieto
Brincavam com as águas do rio disto.
E o coração, ainda pequenino,
Brincava de sonhar, esperar o destino.

Acalanto

O coração do menino
Dorme para não lembrar.

Viu, ao balanço da onda, o céu enorme,
Bem maior do que o mar.

Range o navio, velho e lento,
Tremendo o vento,
A vaga tentacular.

O coração do menino
Tem frio, ei-lo a tiritar.

Ninguém o aquece. Que de a sol a pinot
Somente nevas lunares...

No coração do menino
Abriu o destino
Uma ferida sempre a sangrar.

— O' sufocantes correntes loucas...
Do desejo! ó galopes, milos e bocas
Num tremor, num aniar!

Credulidade alegre de garoto!
— O' desespero do sonho roto,
Que vemos outrum despedigas!

O coração do menino
Tem pudor de contar.

O coração do menino
Dorme para não lembrar...

OLIVEIRA E SILVA

Os sinos de Ouro Preto

As lentes, surdas batedoras
Das sinos de Ouro Preto à hora de Angústia,
Alongam-se, ressoam na quebrada,
Demoram,
Gaudem,

Plangendo-pela intensidade.

Ouvidos que, uma vez, via cochearem,
— Os sinos de Ouro Preto, no resplendor —
Nunca mais vos esquecerão.

As primeiras luzes piscam,
Na cidade, através da serraria,
Contam os sinos a legenda
Da terra do ouro, da mineração,
Onde poetas sonharam a estupenda
Hora feliz da redenção.

— Os sinos imortais! — certo dia, surprese,
Fiqui respondendo aos vossos dores,
Numa infinita vibração.

As escuras, solenes batalhas,
Reproduzindo pelas querendas,
Num eterno só... só... só...
Lembram uma procissão.

Os sons caminham como se fossem
Tochas acesas, na neblina.
Passos profundos pelas calçadas,
Imagens hirtas, estôtuas,
Contritas frontes curvadas
Que, levemente, balançando vão...

Sobem, descem a montanha
Sombras, figuras lutoosas,
Na mesma cadência.
Roxas susurraram, medrosas,
Com rosáries de estrelas nebulosas,
A noite acompanha
O grande Pálio, com lentidão.

De sinos de Ouro Preto, agora, silenciaram:
Sumiu, na treva, a procissão...

Pag!

Concerto moiinhos de vento!
Suis ser leon e fui violento.
Jantei do meu sofrimento.
Perdi experimento
A injustica - eterna lei.
Vencido, com o desalento,
Colhi o resto e chorei!

Mas, continue a crônica,
Mesmo de carne seca;
Sempre nova cronística!
O sangue ficou seco.
Oh! a esperança perdida!
Claro, ruivo - vida! Vida!
Tou pedir em jipes desciida...
Sua pag! preciso pag!

Rio, 1943.

Oliveira e Silva

Raça

Tenho no coração a minha raça,
A que no berço acordou comigo,
Em meu sangue sagrado, circula,
Subindo ao pensamento em vibrações vivas,
Pazendo-me entrever os irmãos mais distantes,
Num desamparo que os estrangula.

A tremer, nos sorriens, às docezas tropicais,
— Jungadeiros de Tambau, cabelo ao vento,
Na matalaca marinha, dia mala pura!
O combocerio que regula, em trote lento,
Enapurecidos, tatudos
De sol! Rendências que, com os dedos rápidos,
A porta das choupanas, tecem juntas em linhas!
O lavrador que riscava, com o verde das culturas,
A paisagem! Carreiros dormitando,
Nos picadões, a ouvir os seus carros rangerias!
Todos são minha raça, a nossa raça!
— O mestre-escola, quase faminto
E fatigado, que envelhecia, ensinando
Bem prêmios e sem afetos!
O rosto fresco de caboclos que não recebem
O reflexo das luces das grandes cidades,
Enrugados, cedo, a velar pelos netos!
Matelhos andantes que subis os rios,
E acendeis o fogo que espanha os bichos bravos,
Pensando no outro: o do lar, onde suspira aquela
Que, todas as tardes, de flor nos cabelos, espia o
Caminho!
O irmão de sonho que arranhais a viola, na noite
Que estrela,
E cantais as trovas que, analfabetos, nunca vereis!

Pulsa no coração a minha raça

Que vos recebe, fune o sacrifício

E que se aperfeiçoa, se encoraja

De vossa intrepidez virgem e leôa,

E de ternura e generosidade,

Tralhadas nos versos que estou a escrever,

Raya que canta o próprio sofrimento,

E tem heroismos, com simplicidade

Quase sem o saber.

Pernambuco

No mapa do Brasil, no alto, em pleno Nordeste,
Há uma faixa que se prolonga ate o Atlântico,
Onde pelejam pela liberdade,
Em quatrocentos anos combativos:
Os homens mais intrépidos e altivos
De nossa raça!

— O' claro, verdes canaviais ondentes,
Velhos engenhos, casas grandes repousantes
Em cujas salas longas se conspira
Contra os flamengos louros e arrogantes;
— Arraial Bom Jesus, reduto de coragem,
Onde crianças comem raízes,
E, heroicas bebem as próprias lágrimas,
Para enganar a sede, as mulheres indomitas,
E onde os homens, com maí fechadas cativas,
Respirando, sofrendo amando a Pátria.
Mordem as mãos, de raiva contra a fome!

— O' Guararapes, monte das Tabocas,
Batalhas em que cem dos nossos vencem mil
Encuto os sinos o vibrante brado
Que, do sangue pernambucano derramado,
JA nasceu a unidade do Brasil!

Século dezenove em que se multiplicam
As forças para o anseio formidanda
De República e heróis se santificam,
Enquanto o sorriso val, luminoso marchando...

Belo-vos — milos piedos, redentoras —
Que entregais juntas para que os escravos
Possam fugir, sob o capim, disimulados,
Pelas barreiras libertadoras!

No mapa do Brasil, no alto pousa a saudade:
— O' coqueiral de Olinda a repetir ao vento
As trovas de Adelmar Tavares! ó crepúsculos
De papoulas em despejamento!
Chafarizes! ó graça alegria dos outeiros!
O' igreja do Carmo em ruínas, jangadeiros
Caminhando no mar com uma serenidade
De Cristo sobre as ondas!

Sinto alguém a ferida machucando,
E te distingo como minha filha
Que, sem te conhecer, te avista em sonhos,
— O' Pernambuco! — a todo o casario,
Torres, pontes e céu de azul profundo
Erguem-se para mim, acenando, acenando
Para ficar — última imagem — nos meus olhos,
Da beleza do mundo!

